TRAJETÓRIAS

VOLUME II

# Comunicação, Jornalismo e Memória


ORGANIZADORES

GESSIELA NASCIMENTO | NAYANE BRITO |
ROSEANE ARCANJO | RODRIGO REIS | WILLIAM CASTRO



EDUFMA

Universidade Federal do Maranhão

Reitor *Prof. Dr. Natalino Salgado Filho*
Vice-Reitor *Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos*

EDUFMA

Editora da UFMA

Diretor *Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira*
Conselho Editorial *Prof. Dr. Luís Henrique Serra*
*Prof. Dr. Elídio Armando E. Guarçoni*
*Prof. Dr. André da Silva Freires*
*Prof. Dr. Jadir Machado Lessa*
*Profª. Dra. Diana Rocha da Silva*
*Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos*
*Prof. Dr. Marcus Túlio B. Lavarda*
*Prof. Dr. Marcos Nicolau S. da Silva*
*Prof. Dr. Márcio James S.Guimarães*
*Profª. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues*
*Prof. Dr. João Batista Garcia*
*Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas*
*Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes*
*Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior*

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

TRAJETÓRIAS

VOLUME II

# Comunicação, Jornalismo e Memória


ORGANIZADORES

GESSIELA NASCIMENTO | NAYANE BRITO |
ROSEANE ARCANJO | RODRIGO REIS | WILLIAM CASTRO



SÃO LUÍS

EDUFMA

2022

Copyright © 2022 by EDUFMA

**Diagramação** *Gessiela Nascimento da Silva*
**Projeto Gráfico** *Gessiela Nascimento da Silva*
**Revisão** *Nayane Brito, Rodrigo Reis e William Castro*

E-pub [2022]
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem a devida referência dos autores e a origem da obra.

EDUFMA | Editora da UFMA

Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**Título** Comunicação, Jornalismo e Memória: trajetórias

**Organizadores** Gessiela Nascimento, Nayane Brito, Roseane Arcanjo, Rodrigo Reis e William Castro

**Diagramação** Gessiela Nascimento da Silva

**Projeto Gráfico** Gessiela Nascimento da Silva

**Revisão** Nayane Brito, Rodrigo Reis e William Castro

**Formato E-pub** 502 px x 800 px

**Páginas** 85

**Tipografia** Peace Sans e Poppins

**Edição** 1a edição - Volume 2 - Junho de 2022

**Publicação** Editora da Universidade Federal do Maranhão EDUFMA

À população de Imperatriz
e seus jornalistas do passado,
do presente e do futuro

# PREFÁCIO

A obra Comunicação, Jornalismo e Memória – trajetórias, organizado pela professora doutora Roseane Arcanjo, com os doutorandos Nayane de Brito, Rodrigo Reis e Willian Castro e a mestranda Gessiela Nascimento, é um presente para o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, que está completando 15 anos de existência em 2021.

É um regalo para os cursos das áreas de conhecimento das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas. Os relatos de 12 comunicadores de Imperatriz, segunda maior cidade do Maranhão, é parte da história do tempo presente, da contemporaneidade. A publicação apreende narrativas de personagens que merecem estar registrados.

Quando os pesquisadores recorrem à metodologia da história oral podemos estar certos de que as memórias captadas nas entrevistas, cruzadas ou não com pesquisas documentais, se transformam num documento permanente que também estimulam outras pesquisas no futuro. É uma função do conhecimento social porque, como afirma José Carlos Meihy, a "história oral hoje é parte inerente dos debates sobre tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente" (MEIHY, 2005, p. 19). Para o professor doutor de História, a história oral "implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabando (MEIHY, 2005, p. 19). A história oral é a história viva. E como salienta Thompson, "pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas" (THOMPSON, 2002, p. 17).

Nas 64 páginas desta publicação o leitor vai compreender o quanto é importante e necessário valorizar a memória do homem. Porque cada relato tem memórias narradas que podem ser a memória de muitos. São as histórias vivas reconstituídas pelos autores e pesquisadores.

No perfil de Adalberto Franklin (In Memoriam), escrito por Nayane de Brito, vamos conhecer o historiador e o jornalista que ao longo da sua vida escreveu histórias literárias e históricas, criou o Portal Amazônia e foi secretário de comunicação da prefeitura de Açailândia (1993-1994). Na entrevista ele detalha como a trajetória de jornalista começou, em 1983, quando a ditadura militar começava a abrir espaço para a Democracia. Entre muitas atividades profissionais, sempre escreveu e manteve um blogue onde relatava muitas histórias, com ética e responsabilidade.

O que é linotipo? O que é distribuidor de jornais? No perfil de Coló Filho o leitor vai saber e conhecer quem foi este senhor que foi assessor de comunicação, trabalhou em jornal e tornou-se editor de O Progresso. Pela escrita de Brigithy Canuto é possível acompanharmos a evolução do jornal impresso desde a década de 1970 até os dias de hoje e as relações criadas em diferentes contextos sociais, políticos e históricos.

Na entrevista produzida pela Gessiela Nascimento temos a oportunidade acompanhar a trajetória de Frederico Luiz, jornalista e radialista que aportou em Imperatriz em 2002. Muitos devem ver ele no programa que comanda na TV Bandeirantes. Mas certamente podem desconhecer os caminhos que ele percorreu na área da comunicação e sua opinião sobre liberdade de expressão. Neste perfil, Frederico relembra alguns momentos e coberturas
marcantes.

Antônio Carlos Freitas apresenta para vocês a história do contador de histórias Jurivê de Macedo (In Memoriam) que recebeu o título de cidadão Imperatrizense da Câmara de Vereadores e foi membro da Academia Imperatrizense de Letras. Enquanto viveu, acompanhou as transformações da cidade onde veio morar, por amor, com a esposa e os filhos.

É nesta obra que vocês vão conhecer a história da ativista e mestre em Ciências da Comunicação, Larissa Santos, produzida por Michely Alves. Na narrativa é possível compreender o papel da jornalista e coordenadora política e de projeto na organização sem fins-lucrativos Justiça nos Trilhos. Para ela, é por meio dos direitos humanos que as comunidades podem se fortalecer.

Em Memórias do Telejornalismo Regional os leitores vão viajar nas histórias da jornalista Maria José Marconcine, formada na UFMA, campus Imperatriz. Foi a primeira apresentadora na televisão, trabalhou na primeira rádio da cidade e é assessora de comunicação na UEMASul. A paixão pela profissão é detalhada por Patrícia Araújo.

Roseane Arcanjo apresenta a história do jovem Mikaell de Souza Carvalho que aprendeu no curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz a dar voz aqueles que não são ouvidos, em geral, pelas mídias tradicionais. Está na luta, como cidadão e jornalista, ao lado dos moradores de Piquiá de Baixo que anseiam pelo reassentamento.

A trajetória profissional do cartunista, jornalista e empresário Nilson Takashi Hamada é narrada pela jornalista Margaret Valente. Quem descobriu o dom dele de desenhar foi o editor do jornal O Progresso Adalberto Franklin. Para saber quais foram as charges mais populares, sugerimos ler a entrevista.

Seguindo a ordem do E-book nos deparamos com o perfil de Roberto Oliveira, escrita por Gessiela Nascimento. A vida deste enfermeiro que trabalhou como repórter de rádio, em televisão e em jornal impresso chega até uma das suas criações: a coluna Vitrinne Capital. Acompanhou muitos acontecimentos políticos e relembra com detalhes alguns deles na entrevista.

Quem assiste a TV Mirante já viu uma mulher alta, com sua voz inconfundível, dar notícias da cidade. Estamos destacando agora o perfil da jornalista e mestranda (PPGCom/UFMA) Tatyna Viana que tem como um dos objetivos contar as histórias de Imperatriz e região com uma abordagem humanizada. À Michely Alves disse que uma das preocupações diárias dela é combater a desinformação.

A obra finaliza com o perfil da jornalista formada na UFMA e historiadora Thays Assunção que se apaixonou pela pesquisa. Na vida profissional ela contabiliza passagens como professora substituta e assessora de comunicação. Fez mestrado, decidiu fazer o doutorado e é professora na Universidade Federal do Tocantins. A jovem tem sua história revelada por Mariana Muniz.

São muitas histórias reais e interessantes. Boa leitura!!!

**Izani Mustafá**

Professora do curso de Jornalismo e do PPGCom da UFMA, campus Imperatriz

# APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento do jornalismo nas sociedades tem uma face rica e insubstituível, a experiência humana, que traz representações, nuances e particularidades de cada um. Por isso, nesta obra, reunimos relatos, tão pessoais e complexos, sobre quem somos e o que nos leva a vivenciar todos os dias a mesma profissão, repleta de desafios: o jornalismo. Essas vozes precisam ser documentas e levadas às gerações seguintes.

É com essa finalidade que organizamos a presente obra, formada por um conjunto de entrevistas com nomes da imprensa de Imperatriz-MA, também nomes da comunicação do Maranhão e do mundo. Cada um relembra o início, as escolhas, os dilemas, as vitórias e as problemáticas enfrentradas. Todos unidos por um único caminho, o fazer jornalístico, narrativa sobre a atualidade, que orienta as coletividades para o debate público, a tomada de decisão no jogo que define a organização política.

O jornalismo, que ganhou terreno, em termos históricos, com o fortalecimento dos direitos humanos, é um ofício apaixonante e, ao mesmo tempo, é uma imensa responsabilidade. Como vivemos num tempo de falsas informações, fabricadas em larga escala com interesses políticos, e de ataque à imprensa, nunca foi tão importante falar de jornalismo: o bom jornalismo, o jornalismo feito profissionalmente por aqueles que respeitam a cidadania, a dignidade humana e a política.

O jornalismo, que ganhou terreno, em termos históricos, com o fortalecimento dos direitos humanos, é um ofício apaixonante e, ao mesmo tempo, é uma imensa responsabilidade. Como vivemos num tempo de falsas informações, fabricadas em larga escala com interesses políticos, e de ataque à imprensa, nunca foi tão importante falar de jornalismo: o bom jornalismo, o jornalismo feito profissionalmente por aqueles que respeitam a cidadania, a dignidade humana e a política.

Nesta obra, vamos conhecer experiências dos jornalistas e comunicadores que trabalham na fotografia, no jornalismo impresso, no telejornalismo, no ensino do jornalismo e nas assessorias de comunicação de movimentos sociais, entre outros lugares. É significativo ouvi-los, um trabalho que foi feito de forma coletiva, com a colaboração de estudantes do Curso de Jornalismo e jornalistas que marcaram e gravaram as entrevistas.

É bom lembrar a importância de valorizar as memórias orais: como nos coloca Maurice Halbwachs, nossas trajetórias são, ao mesmo tempo, individuais, coletivas e sociais. Ou seja, os processos históricos entrelaçam todas as existências e nos conectam com os processos socioculturais. Valorizar o jornalismo e os jornalistas, é valorizar o desenvolvimento das sociedades, com seus conflitos e consensos.

Agradecemos a Brawny Meireles, Coló Filho, Frederico Luiz, Larissa Santos, Zezé Marconcine, Mikaell Carvalho, Nilson Takashi, Roberto Oliveira, Tátyna Vieira e Thays Assunção. Esses comunicadores forem ouvidos porque concordaram em compartilhar suas impressões e vivências sobre o jornalismo e porque foi possível (re) encontrá-los e ter acesso ao grupo.

Sabemos que teríamos muitos outros e outras a entrevistar, são muitos jornalistas e comunicadores que narram o cotidiano de Imperatriz-MA, desde o primeiro jornal impresso na cidade, lançado em outubro de 1936 chamado "A Luz", como nos relata uma das entrevistadas, a pesquisadores Thays Assunção no livro "História da Imprensa de Imperatriz-MA (1930 – 2010).

São muitas décadas nas quais páginas, áudios e imagens registraram o dia a dia da cidade e da região: a movimentação política, as transformações sociais e as expressões culturais da localidade.

A obra está sendo lançado em 2021, ano do Bicentenário da Imprensa Maranhense, então dedicamos essa iniciativa a todos que contribuíram para bom jornalismo, construído com afinco, responsabilidade social, conhecimento científico e alegria. Vida longa ao jornalismo profissional.

**Os organizadores**

# SUMÁRIO


15 **A certeza e o amor pelo jornalismo**
| Perfil de aDALBERTO FRANKLIN | IN MEMORIAM

25 **Os caminhos do fotojornalismo no Maranhão**
| Perfil de Brawny Meireles

30 **Distribuidor de páginas e informação**
| Perfil de coló filho

35 **As nuances dos profissionais de comunicação**
| Perfil de frederico luiz

39 **Um estilo singular de escrever e contar histórias**
| Perfil de jurivê de Macedo | in memoriam

42 **As trilhas da mídia alternativa no Maranhão**
| Perfil de larissa santos

52 **Memórias do telejornalismo regional**
| Perfil de maria josé marconcine

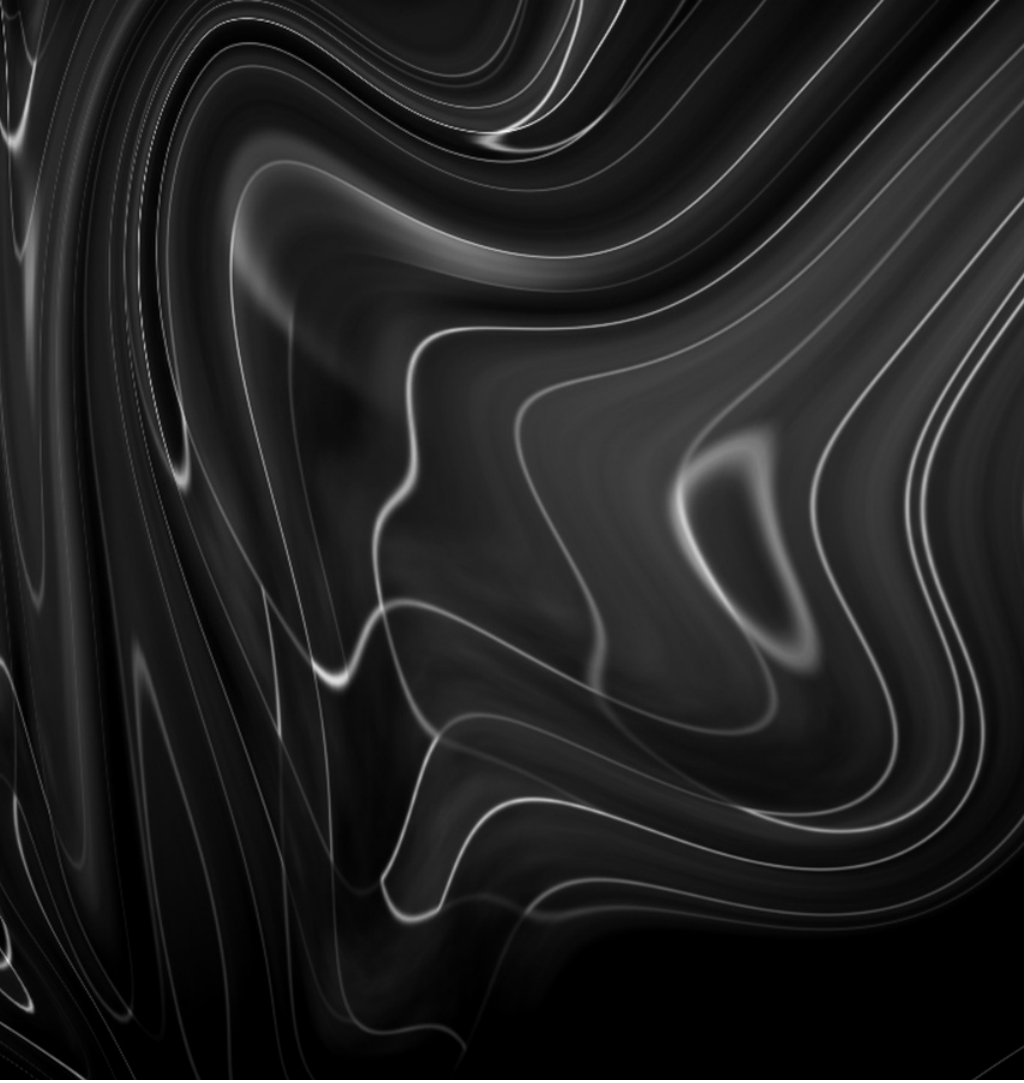
57 **O jornalismo e seu papel social de transformação**
| Perfil de mikaell de sousa carvalho

64 **As portas da comunicação em Imperatriz**
| Perfil de nilson takashi hamada

71 **Jornalismo, política e memória**
| Perfil de roberto oliveira

76 **O impasse do telejornalismo local na pandemia**
| Perfil de tatyna viana

80 **A memória na imprensa da região Tocantina**
| Perfil de thays assunção reis



# A CERTEZA E O AMOR PELO JORNALISMO

## PERFIL DE ADALBERTO FRANKLIN | IN MEMORIAM

**POR NAYANE BRITO[1]**

[1]Doutoranda em Jornalismo (UFSC). Jornalista (UFMA Imperatriz) e Historiadora (UEMA). Autora do livro "Ondas da memória: a pioneira Rádio Imperatriz".

Foto: Reprodução/ O Progresso

Piauiense da cidade de Uruçuí, ficou mais conhecido como o escritor de Imperatriz, o historiador, proprietário da editora Ética, mas seus escritos não são apenas literários ou históricos, Adalberto Franklin Pereira Castro também escreveu para jornais impressos de diferentes perfis e para a Televisão. Em referência ao Portal da Amazônia, um dos títulos da cidade de Imperatriz, o jornalista criou em 2006 o jornal Portal 21. Na década de 1980 colaborou com os trabalhos da Pastoral da Comunicação (Pascom), uma pastoral da igreja católica. A função jornalística se deu além de veículos midiáticos, ao ser secretário de Comunicação da Prefeitura de Açailândia nos anos de 1993-1994. Nos últimos anos, mantinha um blog que mesclava textos com aspectos jornalísticos e históricos. A entrevista aborda a atuação do profissional durante os primeiros anos em que fez parte do campo jornalístico na condição de editor e redator, sobretudo, suas vivências na imprensa durante o período da ditadura militar de 1964-1985.

**Como se deu o início de sua atuação no jornalismo?**

Em jornalismo eu comecei num jornal católico chamado *Sinais dos Tempos*, em 1983, fundei junto com o padre Lourenço, nós éramos editores desse jornal, um jornal que durou sete anos. Inicialmente ele era mensal, era um jornal que tinha uma abordagem social, era linha social da igreja, foi que comecei esse trabalho como basicamente além de editor também escrevia matérias para o jornal.

**Quais foram os outros veículos de comunicação que você atuou??**

Fui editor do *O Progresso* de 1986-1988, trabalhei como correspondente de um jornal indígena chamado *O Porantin*, fui colunista do jornal *O Estado do Maranhão* e redator da *TV Mirante*. Quando eu larguei o jornalismo foi depois da Mirante.

**Durante a sua experiência com o jornalismo, qual o momento que você considera mais relevante?**

Eu diria que o período que eu tive no O Progresso, eu acho que foi, que eu considero pra mim o mais importante. A aprendizagem que eu tive e a possibilidade de dirigir o mais importante jornal do interior do Maranhão, e também depois de considerar que eu peguei o jornal e em menos de três anos eu praticamente quadrupliquei a tiragem dele na minha gestão de editor do jornal, que era um jornal dinâmico que vendia muito, eu cheguei a tirar duas tiragens num dia só, quer dizer, nas questões do auge da guerra do Plano Cruzado teve uma edição que esgotou às nove da manhã e antes do meio-dia tinha outra edição já pronta, duas tiragens no mesmo dia.

Foi na minha gestão que O Progresso passou do linotipo para offset, foi na minha gestão que saíram também as máquinas de composição para o computador, O Progresso realmente entrou na era da informática.

Pra mim foi um momento rico porque a imprensa também estava passando por informatização, *O Progresso* foi um dos primeiros jornais do Maranhão a se informatizar do processo na composição em computador, impressoras laser, então foi um momento que eu considero muito rico da minha experiência no jornalismo, eu considero que foi esse período em que eu estive no *O Progresso*.

**Quais as diferenças no jornal "O Progresso" durante o período em que você esteve na direção para atualmente?**

*O Progresso* tinha quatro sucursais fora de Imperatriz, naquele período tinha uma na Serra Pelada, uma em Araguaína, outra sucursal em Açailândia, tinha correspondentes numas oito cidades, então era um jornal de 24 páginas diárias e 28 no domingo, mais um encarte do chamado *O Progressinho* que era considerado uns dos cinco melhores do Brasil, com folhinho, com lobinho. Também era um período em que *O Progresso* teve a sua maior tiragem, mas era um jornal que a gente publicava, que tinha coluna de Joel Mibetti simultânea a da Folha.

A gente tinha um tipo diferente de investimento, havia reportagem de rua, a gente tinha fotógrafo de rua, o jornal só fechava às onze da noite, quer dizer, os acontecimentos da noite no dia seguinte estavam no *O Progresso*, se tivesse jogo de futebol, se tivesse gol tava as fotos no dia seguinte. Era um jornal bem mais dinâmico do que é hoje. Era um jornal que tinha uma estrutura melhor do que a que tem hoje.

Na verdade o jornal impresso pautava o resto da imprensa de Imperatriz, era *O Progresso* que pautava a imprensa regional, o que saia no *O Progresso* naquele dia era a pauta das televisões e dos rádios. Então o jornal impresso quem comandava, era quem fazia a pauta da imprensa.

**Qual a sua percepção da imprensa imperatrizense durante os anos de 1970 e 1980?**

Imperatriz é uma cidade que se consolidou na verdade lá pelos anos de 1980. Então na década de 1970 a gente era uma imprensa muito acanhada e não podia esperar muito mais do que foi a imprensa em Imperatriz, e foi rica, na verdade eram bons jornalistas daqui e de fora. Aqui estiveram bons jornalistas que ainda hoje estão por Imperatriz e por outros estados, e contribuíram muito para a imprensa local. Também tivemos aquele jornalista da própria cidade, pessoas que ainda hoje estão por aí, deixaram a área, mas eu creio que tenha sido um período rico para a imprensa de Imperatriz, a cidade ainda que se consolidava, estava buscando seu perfil.

Acredito que mesmo a gente considerando que não houve assim uma repercussão muito grande da imprensa na época naquele período da ditadura, não é porque há de se culpar, mas é porque a imprensa de Imperatriz era realmente muito pequena, muito localizada, era basicamente um jornal que a gente tinha, no final dos anos 1970 uma rádio também que era ligada, que era a *Rádio Imperatriz* que por muito tempo foi a primeira rádio oficial de Imperatriz legalizada, vamos dizer, e era uma rádio ligada ao poder.

A *Rádio Imperatriz* é que depois começou a fazer um trabalho político pesado com Moacyr Spósito, um grande jornalista, um grande entrevistador e que teve um programa de muitas críticas, se alguém sofreu aqui da forma mais dura de perseguição já no fim da ditadura tenha sido ele, porque ele fazia um programa de crítica muito dura, ele não temia nada, isso foi muito importante, creio que ajudou a despertar a questão da cidadania em Imperatriz.

**Em 1983 quando você iniciou os trabalhos na área de jornalismo, no jornal Sinais dos Tempos, ainda vivíamos no período da ditadura militar, esse impresso sofreu alguma censura por parte do governo?**

Esse período era o fim do período militar, 1983, então já estava um pouco mais brando, mas de qualquer forma havia uma certa vigilância do Serviço Nacional de Informação. A censura nesse tempo a gente mesmo sabia o que não podia publicar, então tinha uma certa autocensura, mas de qualquer forma não deixava de ter alguns conflitos, tinham alguns conflitos principalmente pela a nossa abordagem.

Nós abordávamos questões de justiça, questões de terras, conflitos que existiam que eram realmente coisas muito complexas para esse período, então nós fazíamos a defesa das pastorais da igreja entre elas estava a Pastoral da Terra, por exemplo, estava a Comissão de Justiça e Paz que faziam algumas denúncias no que diz respeita a questão dos direitos humanos. Nesse aspecto se tinha alguns choques, mas em geral, na verdade, basicamente no final da ditadura não teve assim uma perseguição maior quanto foi na década de 1970, já tinha um pouco mais de tolerância.

**Qual o maior desafio de um jornalista imperatrizense naquela época?**

Eu acredito que fosse publicar os conflitos que nós tínhamos muito, pouco foi publicado, quase nada foi publicado. Os conflitos realmente mais sociais relativos à questão da terra, que era muito grande, a questão dos grileiros, a questão da grilagem, dos pistoleiros que realmente era muito grande isso aqui na década de 1970, foi muito intenso.

Você conhecia quem eram as pessoas, quem eram os personagens, quem eram os pistoleiros, você conhecia quem mandava matar gente, quem escravizava pessoas, que já tinha trabalho escravo naquele período aqui na região, então, mas não se publicava nada. O desafio seria esse, mas que ninguém, eu diria que não teve um jornalista, um jornalismo, mesmo porque dos órgãos, não publicariam, então não teve quem fizesse esse trabalho de divulgar isso aí.

**Você deixou de escrever algo por receio durante esse período?**

Eu sabia que aquilo tudo era só forma de intimidação, então essas questões de intimidação eu nunca levei a sério, nunca tive medo delas, então isso várias vezes aconteceu. Eu tive que ir pra lá, me convidaram pra uma coisa era outra[2]. Eu tive que explicar, eles ficavam interrogando, isso eu nunca tive medo, então, nunca me impedia e eu nunca recuei em nenhum momento do que eu queria escrever, do que achava que devia escrever.

**De que maneira ocorriam essas intimidações?**

Imperatriz não sofreu aquela censura que sofreu, por exemplo, a *Folha*, principalmente na década de 1970 que eles colocavam pessoas para autorizar ou não a publicação do que iria saí no dia seguinte. No *Progresso*, por exemplo, eles checaram alguns artigos e a gente teve que ir explicar lá no 50 BIS. Eu fui convocado no 50 BIS para ir conversar com o comandante, quer dizer o *SNI* fazendo vigilância em cima. Eu pelo menos, sou uma pessoa que sempre foi assim, vamos dizer rebelde nesse aspecto e tive que ir algumas vezes no 50 BIS, fui convidado, entre aspas, para falar sobre o que estava escrevendo, ou então receber algumas críticas.

[2]Adalberto refere-se as vezes que foi "convidado" ao 50º Batalhão de Infantaria de Selva (50º BIS).

Por exemplo, por causa disso, no dia do soldado eu escrevi um artigo fazendo muita crítica séria e histórica contra Duque de Caxias, que é o patrono do exército, e aí aumentou a vigilância comigo. Eu fiz isso porque eu estava sentindo que já havia uma certa vigilância com as coisas que eu tinha escrito antes, sei que meu nome estava na lista do *SNI* de pessoas que ficavam sendo sempre acompanhadas, vigiadas. Na verdade eu tive que ir no 50 BIS dar algumas explicações, mas eu considero isso uma normalidade de quem escreve pelo período, porque é claro, outros jornalistas em tempos anteriores sofreram agressões mesmo, prisões, e eu não tive isso pelo menos.

**Qual o momento que você se sentiu mais pressionado pelos militares?**

Quando prenderam o Zé Bonfim, em 1987, e trouxeram ele pra ficar no quartel do exército, e eu soube que ele estava num cubículo lá no fundo do quartel. A informação que eu tive é que ele estava sedo torturado, com um tipo de tortura que é uma goteira que fica caindo água a noite toda, e aquilo fica realmente no subconsciente da pessoa, cria uma perturbação mental. E eu escrevi isso no jornal, eu botei isso no jornal.

Dois capitães do exército vieram conversar comigo, me chamaram a ir até lá e fizeram uma pressão em cima de mim sobre isso, talvez essa tenha sido a mais grave no sentido de pressão, porque eu fui convidado à noite, inclusive, quase meia-noite como se fosse uma festa, e os convites eram sempre esses convites entre aspas, mas na verdade era pra fazer um certo tipo de pressão. Eu terminei ficando amigo de alguns oficiais do exército, e eu consegui também um certo desvencilhamento dessas situações.

**Como o jornalismo local pautou a Guerrinha do Araguaia?**

Mesmo aqui sendo a região da Guerrilha do Araguaia, aqui nós não tivemos notícias nenhuma nos jornais sobre isso, não aparecia, não se mostrava isso, porque os jornalistas da época apesar de alguns terem alguma noção do que estava acontecendo, mesmo as prisões que aconteceram aqui em Imperatriz, eles não chegavam ao ponto de fazer as denúncias muito abertas. A guerrilha praticamente não existia na imprensa regional, nem só de Imperatriz, mas também no resto do Brasil.

A entrevista aborda os anos em que Adalberto esteve diretamente ligado a algum veículo de comunicação. Mas o contato com o jornalismo foi constante, visível em seu blog, uma maneira de se manter próximo ao jornalismo, conforme mencionou Mariana de Sousa Castro, filha mais nova do jornalista. O último post escrito por ele, em 27 de dezembro de 2016, "Meu encontro com Dom Paulo Evaristo Arns"[3], são lembranças de um dia especial para um jovem de 27 anos, à época, por representar Imperatriz em um encontro regional promovido pela igreja católica, a convite do bispo de Imperatriz Dom Affonso Felippe Gregory e ainda receber elogios do cardeal-arcebispo de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns, a quem tanto admirava.

> Essa conversa e esse elogio gratuito me estimularam a abraçar a comunicação como profissão e opção de vida. Mesmo que não profissionalmente, nunca deixei o jornalismo como missão — apenas como profissão, pois propus-me a nunca me dobrar às vontades e manobras dos proprietários dos meios, das empresas que os mantêm e dos políticos que defendem (TRECHO DO ÚLTIMO TEXTO DE ADALBERTO FRANKLIN POSTADO NO BLOG).

[3]Leia o texto completo no blog: http://adalbertofranklin.por.com.br/

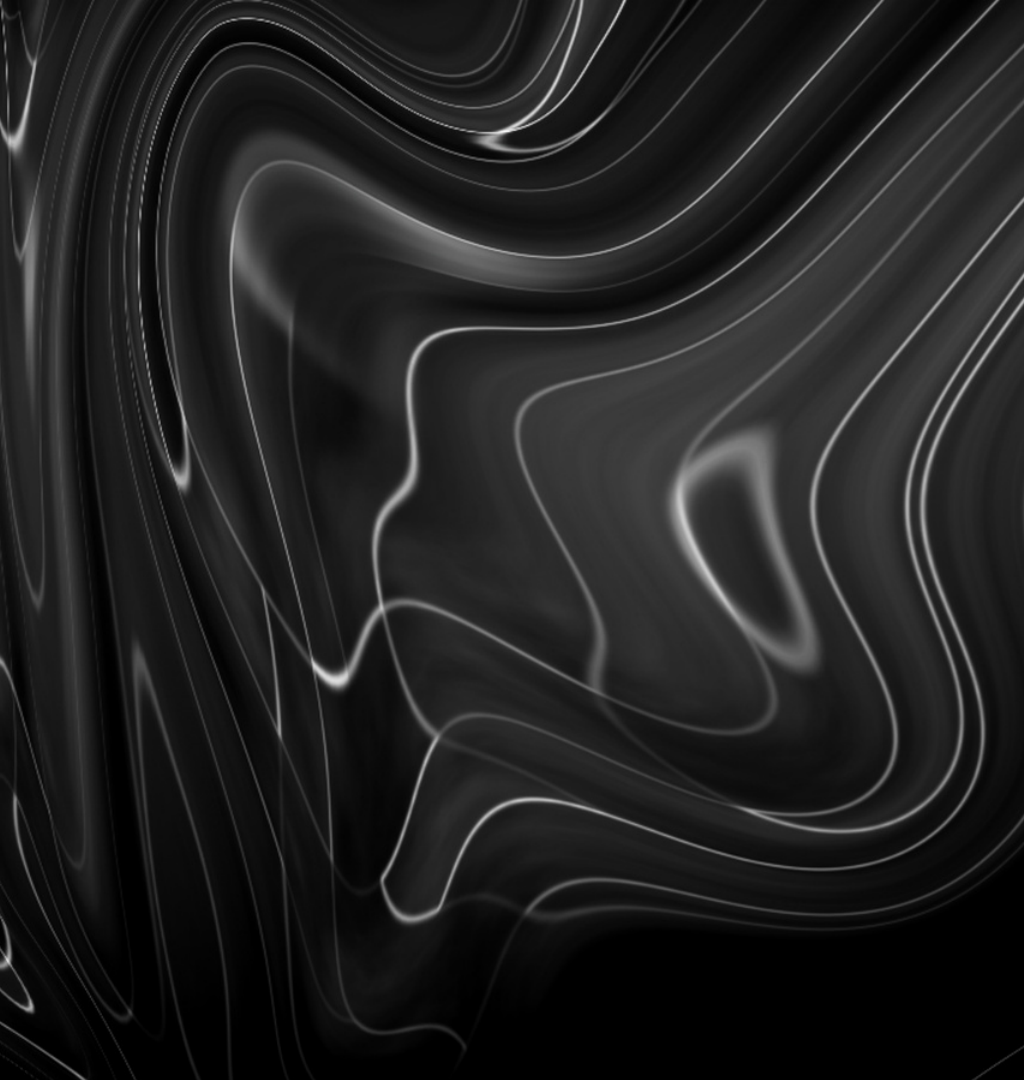
Essas palavras, entre as últimas linhas escritas no blog, representam as memórias de uma época, o perfil de um profissional jornalístico livre de amarras editorias e a certeza da importância e amor pelo jornalismo.

Nas recordações de infância Mariana Castro destaca um episódio de busca por direitos trabalhistas incentivados pelo pai, durante o período que trabalhou no *Grupo Mirante de Comunicação*. Com outros profissionais que operavam na empresa, Adalberto esteve à frente da greve de 1991, uma das primeiras do grupo em Imperatriz. Em uma manifestação em frente ao prédio "a polícia foi convocada ao local e lhe desferiu golpes de cassetetes ali mesmo, na rua. Ele dizia que faria aquilo outras vezes, sempre que necessário"[4].

Mariana Castro também segue a carreira de jornalista. Além de acompanhar os trabalhos do pai, o incentivo dele para ela produzir panfletos, encartes, escrever uma coluna aos 14 anos para o jornal *Portal 21* e ajudar no que era possível nas atividades de Adalberto, a fizeram conhecer um jornalismo que não estava estampado nos grandes meios de comunicação e que dava visibilidade a pautas por vezes silenciadas. Os princípios profissionais seguidos por ele são nítidos nas palavras e atuação da jornalista, ao busca agir por meio de um jornalismo alternativo, seja na criação de um impresso chamado *Quatro Bocas* e nos demais trabalhos.

Aos 54 anos, em 02 de março de 2017, Adalberto Franklin faleceu após um acidente vascular cerebral (AVC). O jornalista contribuiu para o jornalismo local e faz parte da história da comunicação imperatrizense. "Deixou a certeza de que é possível. É possível realizar aquilo que se acredita, exercer a função de jornalista com comprometimento, ética e dignidade. É possível transformar e inovar, sempre", ressalta Mariana[5].

[4] CASTRO, Mariana de Sousa Castro. Imperatriz – MA, março de 2018, entrevista concedida à Nayane Cristina Rodrigues de Brito.
[5] Idem



# OS CAMINHOS DO FOTOJORNALISMO NO MARANHÃO

PERFIL DE BRAWNY MEIRELES
**POR EDMARA SILVA**[6]

[6]Jornalista (UFMA Imperatriz) e Fotógrafa.

Foto: Edmara Silva

Um dos principais objetivos de um fotojornalista é construir uma relação com o texto, atraindo o leitor para a notícia e fazendo com que ele se identifique com a narrativa. Braoniene Anastácio Meireles, ou Brawny Meireles, como é conhecido na cidade de Imperatriz-MA e região é um fotógrafo brasileiro nascido em 1965, em Lago da Pedra (MA), que conquistou em Imperatriz destaque e reconhecimento pelos seus trabalhos de fotojornalista em impressos locais como a *Folha de Imperatriz*, *O Progresso*, *O Estado do Maranhão* e *Hora H*. Esse último foi um jornal criado pelo fotógrafo com enfoque ambiental. É autor também de fotolivros, como o I*mperatriz do Brasil*, que conta a história de Imperatriz pelas lentes de sua câmera. Também é membro e fundador da Associação Maranhense de Fotografia (AMAPHOTO).

**Como foi seu primeiro contato com a fotografia? E quando tornou-se a sua profissão?**

Curiosidade e vontade de produzir imagens. Aos 12 anos ganhei a primeira câmera a ser compartilhada entre eu e meus dois irmãos. Mas era eu quem mais usava, até por ser o mais velho. Aos 24 anos montei meu primeiro estúdio em São Luís, onde morava depois de ter me casado.

**Além de fotógrafo, desempenhava outra função?**

Não. Continuo estudando. Atualmente sou discente do curso de licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís.

**Em quais jornais você já trabalhou?**

Iniciei no extinto jornal Folha de Imperatriz, cujo diretor de redação à época era o experiente jornalista Antônio Costa. Também colaborei como freelancer junto ao jornal O Progresso, inclusive escrevendo diversas matérias de cunho ambiental ou cultural, mantendo por algumas edições uma página nesse matutino, chamada Perfil, com entrevistas diversas. Em 1999 ingressei na equipe de jornalistas do O Estado do Maranhão, onde permaneci por cerca de 15 anos, tendo colaborado com grandes reportagens, geralmente, relacionadas ao meio ambiente, incluindo cobertura de conflitos agrários, e denúncias de crimes contra o patrimônio natural.

**Como era feita a produção das imagens para os jornais?**

No princípio era somente em p/b (preto e branco). O fotógrafo atuava também como laboratorista revelando todas as imagens captadas em câmeras, usando filmes em rolo 35 mm, que depois de revelados tinham suas imagens projetadas em papel por meio de um aparelho chamado ampliador para que, só assim, se obtivesse a cópia final.

**Havia algum critério específico por parte do veículo?**

Sempre tive liberdade total, inclusive de definir minha própria pauta dos assuntos que eram oportunizados em razão das constantes viagens que faço cruzando, com frequência, a geografia do Maranhão.

**Como você verifica a relação da fotografia com o texto?**

Um complementa o outro. Mas a fotografia dos bons profissionais tem a capacidade de sintetizar todo um evento numa única imagem. Às vezes, comunicando coisas que com palavras não se consegue dizer.

**Existe alguma fotografia que tenha marcado sua carreira e uma que tenha ganhado bastante repercussão?**

A próxima será sempre a melhor. Mas já fiz diversas fotos que foram importantes não apenas pelo valor estético ou informativo, mas principalmente por terem gerado ações em favor da preservação da natureza. Aliás, cheguei a editar um jornal chamado *Hora H*, onde já no primeiro número denunciamos a morte da nascente original do Rio Pindaré. Matéria produzida *in loco*, com a participação de dois geógrafos.

Acompanhei diversas ações de trabalhadores rurais sem terra na região. Também cobri o conflito envolvendo os índios da etnia Krikati e fazendeiros no município maranhense de Montes Altos. Além do jornal O Estado do Maranhão, várias dessas fotos, resultantes dessas jornadas, foram publicadas também no O Progresso, que as estampou em diversas capas.

**Qual é o principal papel do fotojornalista?**

Captar a melhor imagem possível que colabore de ampla maneira com a informação ou notícia. O fotógrafo tem que enxergar além, sempre. E enquanto houver luz, vire-se para captar o melhor.

**Quais os desafios você apontaria para um fotógrafo nas décadas passadas e quais as diferenças para a atualidade?**

Melhorou muito com o advento digital. O jornalismo só ganhou. Significa agilidade para dar a notícia em primeira mão. Isso é fundamental no mundo da notícia.

**Existe algum fotógrafo que você tenha como inspiração? E o que diria aos jovens da área?**

Os brasileiros estão entre os melhores do mundo. Tenho várias referências como Sebastião Salgado, mas admiro bastante o Araquém Alcântara, fotógrafo de Natureza.
Estudem sem parar. Estou longe de saber dominar os mistérios da fotografia. Esse é um universo que estou mergulhado há quase trinta anos sendo seduzido cada vez mais por ele.

**Quantos livros você já publicou?**

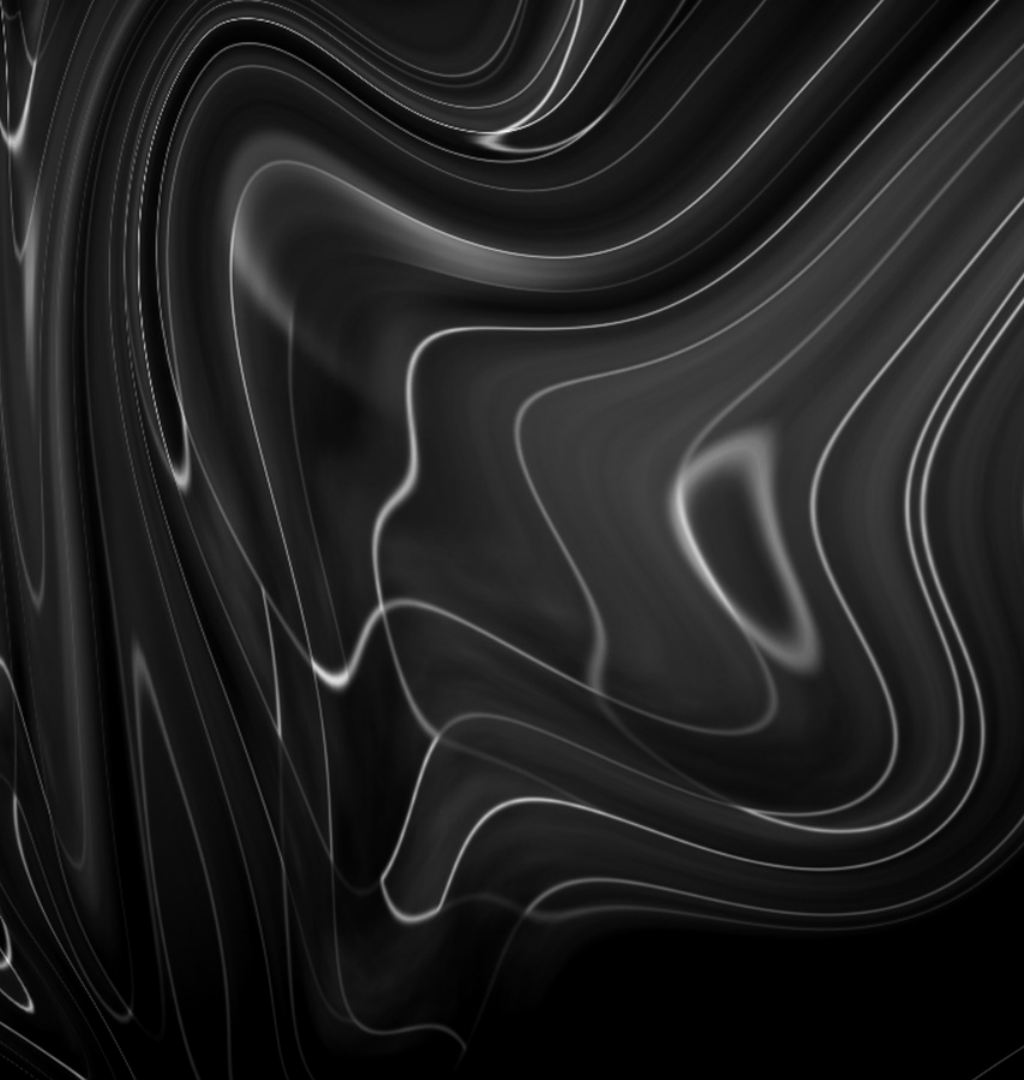
Seis livros, contando com o livro Foto na Lata, resultante de um projeto que dirijo com fotografia pinhole (câmera sem lente, feita a partir de uma caixa onde a luz não entra, possui um pequeno furo), dirigido para crianças e adolescentes do Maranhão, que já alcançou mais de 500 participantes.

**Como você faz a seleção dos temas a serem retratados nos livros?**

Isso é relativo. Às vezes, sai com uma pauta e, a caminho, acontece um fato extraordinário, isso é o que vai dominar. Mas meu foco são as pessoas e suas relações com o meio ambiente.

**Hoje, os registros de imagens podem ser feitas por um amador. Isso é bom ou ruim para o fotojornalista profissional?**

Imagem qualquer um capta. Até um primata ao tocar uma tela de um smartphone, mas fotografia de verdade é algo pensado em todas suas nuances para de fato, gerar algum valor.



# DISTRIBUIDOR DE PÁGINAS E INFORMAÇÃO

PERFIL DE COLÓ FILHO
**POR BRIGITHY CANUTO**[7]

[7]Jornalista (UFMA Imperatriz).

Foto: Brigithy Canuto

Coriolano Rocha Miranda Filho, nasceu em 1961, e começou no jornal *O Progresso* como distribuidor de páginas em 1978. Uma profissão antiga que remonta à época do jornalismo impresso de linotipo. O distribuidor de páginas montava as linhas letra por letra e desmanchava página por página. E o linotipo produzia de seis a oito mil impressões até ser substituído, não completamente por equipamentos mais modernos. Em seguida, Coriolano passou a diagramador. Ficou um período fora do jornal e retornou como revisor. Depois de algum tempo nessa função, assumiu a editoria de polícia a pedido do jornalista Jurivê de Macedo. Em 1992, Coriolano atuou como assessor de comunicação do prefeito Renato Cortez Moreira. O prefeito, contudo, foi morto 9 meses depois de assumir o cargo. Coriolano achou por bem não continuar naquele governo e foi trabalhar na Rádio Mirante AM. Por fim em 1999 assumiu novamente a editoria do jornal *O Progresso.*

**Como era a relação do jornal com a política na cidade?**

Imparcialidade. O jornal não tinha compromisso com política. Desenvolvia sua tarefa normalmente. E assim a gente está até hoje convivendo e trabalhando dessa forma na área política.

**Como funcionava o processo de produção das notícias na década de 1970?**

Naquela época era meio difícil. Quando eu era repórter do jornal *O Progresso*, meu meio de transporte era uma bicicleta *Monark*. Aquilo para mim não diminuía em nada. Até porque as coisas, os locais não eram distantes. As delegacias eram aqui no centro e meu meio de transporte era uma bicicleta, mas sempre dava conta do serviço e era muito divertido.

**Vocês chegaram a ter algum conflito com a área política na cobertura de alguma matéria?**

Notamos insatisfações dos atores políticos. Por exemplo, eu recebi aqueles recados velados quando a gente batia mais forte numa autoridade, num político, mas não nos incomodávamos com isso. Graças a Deus nunca houve uma retaliação forte assim contra nós.

**Em seu trabalho como repórter e editor, teve alguma cobertura que foi mais desafiadora?**

A cobertura mais desafiadora, eu acho, foi na época em que eu iniciei no jornal. Era época efervescente em Imperatriz na área de segurança ou de insegurança. A violência era grande aqui, não como é hoje, patrocinada por assaltantes, mas por pistoleiros, grupos de pistoleiros. Eu fiz a cobertura, por exemplo, de um confronto entre dois grupos em Imperatriz, no outro dia, a polícia em uma grande ação, prendeu quase quarenta pessoas supostamente envolvidas com a pistolagem na cidade. Essa foi uma das grandes coberturas. E também, quando eu estava no jornal *O Estado do Maranhão*, fiz o acompanhamento do assassinato do deputado Davi Alves Silva. Teve grande repercussão, porque era uma autoridade política.

Já fiz reportagens sobre conflitos indígenas com a demarcação de áreas em Montes Altos, houve confronto, morte de índios.

**Quais mudanças você apontaria enquanto colaborador, repórter e editor no jornal O Progresso?**

Eu tenho procurado desempenhar de acordo com a evolução da notícia, da forma de fazer jornal. Quanto à empresa, nós estamos nos modernizando a cada dia. Nós saímos do linotipo, de máquina manual. Hoje estamos com uma máquina mais moderna, um jornal colorido. As evoluções são essas, tanto minha, quanto do jornal. Tem que ir acompanhando essa modernidade que está vindo e se encaixando dentro do que deve ser.

**Como você nota a importância de tudo isso na construção da memória da cidade?**

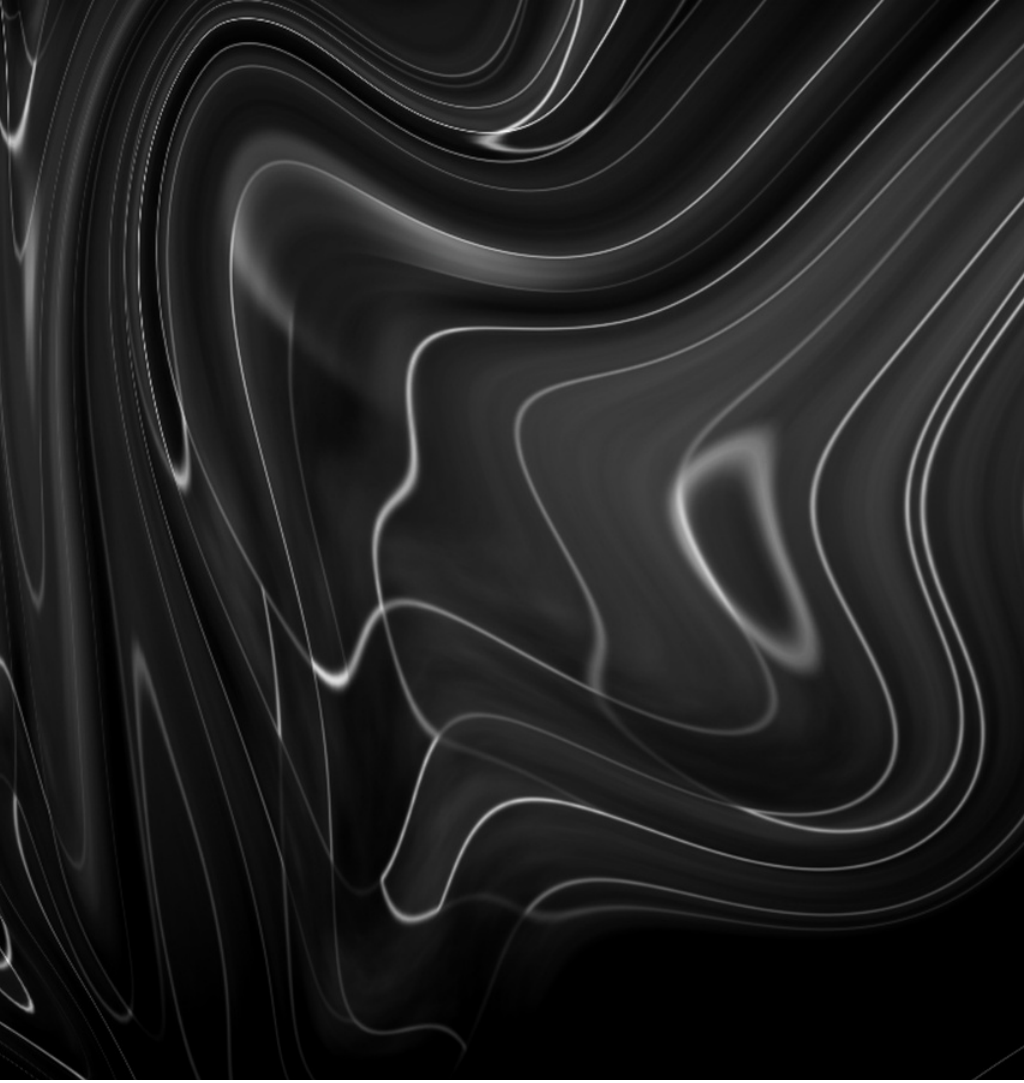
Tudo que acontece na cidade ajuda na construção da memória dela, o bom e o ruim. O ruim e sempre lamentável, mas temos que narrar. Mas por exemplo, na nossa área, nós temos que registrar tudo e isso é o que faz a história da nossa cidade e da imprensa. E, eu vejo com simplicidade, tranquilidade, pois, só estou cumprindo com meu papel de jornalista. Então, eu acho normal, de acordo com meu trabalho. E a obrigação de uma área que eu tenho que está registrando toda essa história nas páginas do jornal.

**Como você avalia o jornalismo hoje na cidade de Imperatriz?**

Eu vejo evolução. O jornalismo que se praticava antigamente era excelente, muito bom. Acho que foi se tornando mais comum, não por culpa das empresas, até porque foram surgindo outras empresas de comunicação, outros jornais, rádios e foi mudando a fórmula e às vezes fugindo um pouco daquele foco que a imprensa vinha antigamente. Mas, hoje, vejo que está melhorando, inclusive com o curso de Comunicação que está preparando jovens.

**Qual a sua percepção sobre as novas tecnologias impactando no jornalismo impresso?**

Eu perguntei para uma professora de jornalismo se os jornais impressos iriam acabar. Ela não acredita, embora a gente veja que alguns periódicos como o *Jornal do Brasil*, o *O Dia*, já não existem mais no papel, só online. Mas é a tendência, é normal e nós temos que nos adequar. Não é fácil você manter um jornal impresso no mundo e no interior. Imperatriz não é a capital. A nossa intenção é manter o impresso, vamos ter o online, mas o impresso vai estar todos os dias nas bancas, enquanto a atual direção estiver a sua frente.



# AS NUANCES DOS PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO

PERFIL DE FREDERICO LUIZ
**POR GESSIELA NASCIMENTO**[8]

[8] Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFMA Imperatriz) e bolsista FAPEMA.

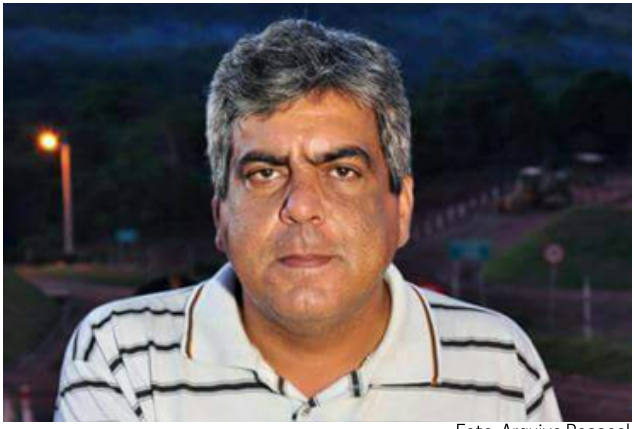


Foto: Arquivo Pessoal

Aos 12 anos, Frederico Luiz Maciel, teve seu primeiro contato com a comunicação, sendo escolhido orador do Centro Cívico Carlos Gomes em Patos - PB. Frederico é natural de Recife – PE, onde nasceu em 1967. Sua relação com a cidade de Imperatriz demorou, devido às inúmeras viagens a trabalho, mas mudou-se de vez em 2002, quando se candidatou a Senador do Maranhão. Atuou como jornalista e radialista. Na cidade, trabalhou em vários veículos de comunicação, dentre eles, *O Capital*, colaborando entre os períodos de 1995 a 1996, na função de Diretor de Redação. Atualmente, é Ativista Digital e possui um programa de entrevistas na TV CRC (Band).

**Durante seu período de atuação no jornal o capital, qual era sua função e rotina de trabalho?**

Atuava como Diretor de Redação. Quanto a rotina, nesse tempo era 24/7, ou seja, atuava em tempo integral. Chegava na tarde, e saía de madrugada, perto do amanhecer, isso de segunda a sábado. No domingo dava manutenção nos computadores.

**Durante seu período de atuação no jornal o capital, qual era sua função e rotina de trabalho?**

Atuava como Diretor de Redação. Quanto a rotina, nesse tempo era 24/7, ou seja, atuava em tempo integral. Chegava na tarde, e saía de madrugada, perto do amanhecer, isso de segunda a sábado. No domingo dava manutenção nos computadores.

**Como você caracteriza o jornalismo dos anos 90 do qual fez parte?**

Havíamos saído dos anos de chumbo e a liberdade de expressão estava só começando. Fui processado 78 vezes, 77 por jornal escrito dos anos 1990 e 2000 e 1 vez como ativista digital. Fui absolvido em todos!

**No que tange às técnicas jornalísticas, quais delas eram utilizadas na redação?**

Na verdade, tivemos algumas mudanças, o lead americano foi abolido, prevalecia nos textos do universal ao particular conforme explicado por Adelmo Genro Filho, em O Segredo da Pirâmide.
As reuniões de pautas também foram excluídas, tratava-se diretamente com cada profissional sobre a condução de sua editoria ou função. Tínhamos a ronda diária com o Colégio de Fontes, maior patrimônio da Redação, dividida em categorias:
Primeira: Ótimas. Checar para amplificar e melhorar. Segunda: Parte interessada. É preciso checar e desembaraçar. Terceira: Para dar boas risadas, checagem por desencargo de consciência. Um contato é somente um contato e pode se tornar uma fonte.

**Quais coberturas foram marcantes no jornal O Capital e em outros impressos/meio de comunicação que trabalhou?**

No Jornal O Capital foi à série de reportagens sobre a Guarda Mirim.

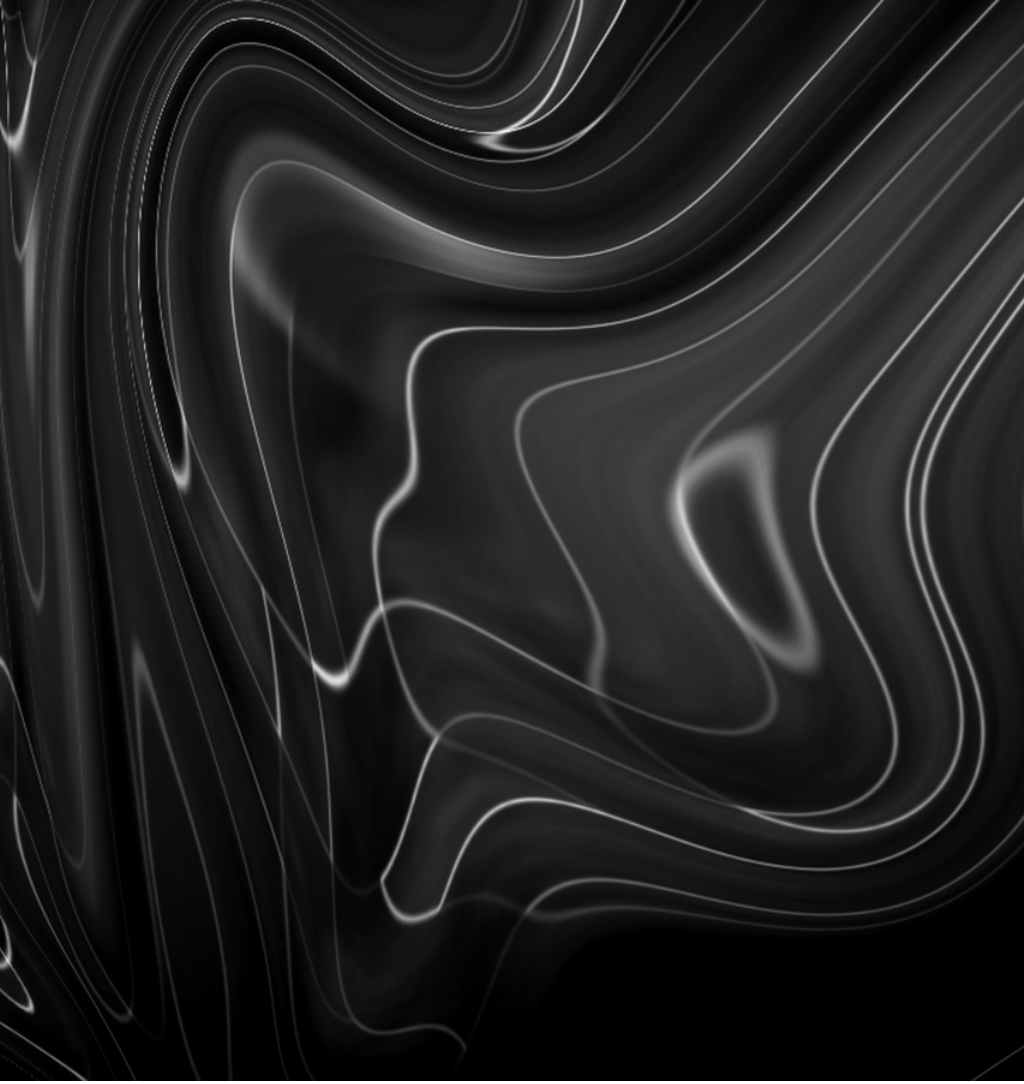
Mostramos os filhos da guarda, um deles foi concebido num bacanal em um banheiro do Juçara Clube enquanto o prefeito discursava; o consumo de drogas entre os adolescentes; denúncias sobre trabalho infantil, uma vez que lugar de criança, claro, nunca foi no trabalho ou na rua, devia estar na escola, e todas as gravações e provas foram entregues ao Ministério Público. Na *Folha do Tocantins*, em Palmas, no ano de 1992, publiquei o esquema de nomeações dos funcionários fantasmas do governo do Estado para vencer as eleições municipais daquele ano. A lista dos envolvidos, quanto recebiam e a função fantasma onde jamais apareceram. Após a publicação, as nomeações foram suspensas pelo governador Moisés
Avelino. Apurar é bem melhor que cobrir.

**Quanto ao seu canal no YouTube, como se deu a idealização desse projeto?**

Bom, a idealização se deu por conta de uma extensão do blog *Direto da Aldeia*. O blog virou site, o primeiro 100% seguro do Maranhão. A proposta sempre foi a difusão dos vídeos produzidos nos ambientes eletrônicos da Aldeia, já que somos Blog Progressista (BlogProg).

**Em relação ao cargo político pretendido em 2002 – Senador do Maranhão, como foi sua experiência? Por que não tentou outras vezes?**

Agora, é a vez dos mais jovens assumirem os destinos do país. Foi uma ótima experiência. No caso, fui votado em 217 municípios do Estado. Entre meus eleitores, um deles, um juiz federal, se tornaria governador: Flávio Dino. A cidade começou a ser vista com outros olhos após aquela eleição.



# UM ESTILO SINGULAR DE ESCREVER E CONTAR HISTÓRIAS

PERFIL DE JURIVÊ DE MACEDO | IN MEMORIAM[9]

**POR ANTÔNIO CARLOS FREITAS**[10]

[9] Material produzido por meio de coleta em revistas, sites e jornais da cidade de Imperatriz - MA. Jurivê faleceu em 17 de maio de 2010.

[10] Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFMA Imperatriz).

Foto: Reprodução/Blog Ozias Pânfilo

Nascido em 16 de maio de 1930, em Porto Nacional (Goiás, hoje Tocantins), Jurivê de Macedo viveu a maior parte de sua vida em Imperatriz, cidade à qual dedicou, entre 1967 e 2010, seu talento e trabalho como jornalista, advogado, administrador de entidades e político. Recebeu reconhecimentos, tais como: título de Cidadão Imperatrizense e Moção de Mérito (Câmara Municipal), Comenda Frei Manoel Procópio (Prefeitura de Imperatriz) e Cidadão Maranhense (Assembleia Legislativa). Em Imperatriz, foi presidente da Associação de Imprensa da Região Tocantina (AIRT) e da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), membro da Maçonaria e da Academia Imperatrizense de Letras. Pioneiro no jornalismo impresso de Imperatriz, Jurivê de Macedo se destaca na história por dedicar 40 anos de sua vida a traduzir os acontecimentos da "Vila do Frei".

Entre os anos 1960 e 1970, Imperatriz vivenciava uma explosão de progresso, de entusiasmo e de fé nas transformações que o futuro reservava. A euforia era resultado do crescimento econômico impulsionado pela abertura da rodovia Belém-Brasília, pelo desenvolvimento da agricultura e extração madeireira.

Após décadas de isolamento político e territorial, a cidade passou a receber migrantes de várias regiões do país, cada um, conforme sua individualidade, trazendo sonhos, ideias e ilusões.

Em meio a tantas chegadas, houve quem se arriscasse e sonhasse mais que outros, ao ponto de se imortalizar na história. Foi assim com Raimundo Jurivê Pereira de Macedo, que no jornalismo se consagrou como Jurivê de Macedo, ou Juredo, para os mais próximos. Nascido em 16 de maio de 1930, em Porto Nacional (Goiás, hoje Tocantins), Jurivê viveu a maior parte de sua vida em Imperatriz, cidade a qual dedicou desde 1967, seu talento e trabalho como jornalista, advogado, administrador de entidades e político.

Na sua terra natal, Jurivê viveu toda a infância de forma simples e humilde. Os estudos primários e secundários foram feitos no Grupo Escolar Dom Pedro II, Seminário Menor São José e Ginásio Estadual. Em um certo momento da juventude, aquele garoto pobre decidiu deixar Porto Nacional num avião cargueiro que arrebanhava homens para trabalhar numa fazenda localizada no município de Formosa, estado de Goiás. Contudo, os planos de Jurivê eram outros, pois ele não estava recrutado para trabalhar ali.

No final dos anos 1940, da fazenda, na carroceria de um caminhão, ele foi até o município de Anápolis. Dali embarcou na segunda classe de uma maria-fumaça até o Triângulo Mineiro, cidade de Araguari, onde ficou hospedado por alguns dias na casa de um tio. Novamente em um vagão de trem econômico, Jurivê seguiu em frente até o destino final da viagem. A grande aventura se completava em São Paulo.

Assim, outra grande saga começava. O desafio de Jurivê era conquistar um posto de trabalho, para concluir os estudos.

Assim, outra grande saga começava. O desafio de Jurivê era conquistar um posto de trabalho, para concluir os estudos. O primeiro emprego veio com uma oportunidade dada na Revista dos Tribunais, desempenhando funções na área dos serviços gerais. Mas essa atividade não contentou os desejos do jovem Jurivê. A busca por outros empregos continuou, até chegar na assessoria de um alemão naturalizado brasileiro, que falava e escrevia corretamente a língua portuguesa. A nova ocupação conquistada foi num laboratório farmacêutico.

Empregado na grande metrópole nacional, Jurivê chegou a estudar o curso clássico (correspondente ao ensino médio) no Colégio Paulistano. Por não conseguir pagar a mensalidade, que era alta demais para seu orçamento, ele acabou saindo da instituição. Após ser aprovado em um exame de seleção, os estudos no nível intermediário foram concluídos na Escola Estadual Caetano de Campos. Em 1958, teve uma rápida passagem na imprensa esportiva, quando atuou como repórter do *Mundo Esportivo*.

A capital paulista reservava outras surpresas na vida de Jurivê de Macedo. Foi em meio a grande selva de pedras que ele conheceu a maranhense Leonor Mesquita de Almeida Macedo, com quem se casou e teve doze filhos ao longo da vida. De São Paulo, o casal se mudou para o município de São Caetano do Sul, até que o Maranhão seria o destino de toda a família.

Depois de morar onze anos em São Paulo, Jurivê desembarcou no município de Porto Franco, por volta de 1960. Em 1962 prestou concurso para advogado provisionado no Tribunal de Justiça do Maranhão, atuando nas comarcas maranhenses de Porto Franco, Imperatriz e Carolina. Cinco anos depois, outra decisão que marcaria os próximos anos de sua vida: a residência definitiva na cidade de Imperatriz.

Em pouco tempo, Jurivê se habituou à nova cidade. Fez amizades com políticos e empresários e ajudou a fundar a organização não-governamental Rotary Club. É no círculo de convivências e relações cultivadas nesta entidade, que reside as origens dos primeiros esforços para a criação do jornal *O Progresso*, fato protagonizado por Jurivê de Macedo e José Matos Vieira.

O jornal surgiu em um momento que a cidade de Imperatriz passava por sensíveis transformações no âmbito socioeconômico, por ocasião da construção da rodovia Belém Brasília e consequentemente outros investimentos do governo federal na região. A história da fundação de *O Progresso* está registrada no livro de memórias "Lutas, fracassos e vitórias"[11], cuja autoria é de José Matos Vieira, um dos fundadores do impresso. Na obra, ele relata que o crescimento rápido de Imperatriz exigia um jornal. "A cidade aumentava desordenadamente. Gente boa e aventureiros misturavam-se, cada qual buscando as riquezas do lugar e procurando se dar bem na vida. Seria um veículo de formação de opinião que ainda contribuiria para o franco desenvolvimento da região", lembra Vieira.

José Matos Vieira era empresário no ramo gráfico, dono da Tipografia Violeta, e, como membro do Rotary Club, também cultivava amizades com empresários e políticos da região. Vieira passou a falar para os companheiros rotarianos do seu desejo de criar um jornal impresso. Apesar de conseguir apoios entre os amigos, o projeto demorava a ser lançado, pois Vieira precisava de um redator e ele não conhecia na cidade pessoas para desempenhar tal função.

Coube ao prefeito da cidade na época apresentar a Vieira um redator. Renato Cortez Moreira tomou posse no final de janeiro de 1970.

Segundo Vieira, o prefeito – também integrante da Rotary - era interessado na instalação do jornal e por isso apresentou pessoalmente ao empresário o advogado Jurivê de Macedo. Os dois firmaram parceria ao ponto de se tornarem sócios do jornal, meses depois. A primeira edição do jornal *O Progresso* foi publicada em 03 de maio de 1970. O impresso era semanal e possuía quatro páginas.

Na função de redator-chefe, Jurivê começou a criar um estilo próprio de escrever e de contar as histórias do dia a dia imperatrizense. Assim, o jornalismo para ele passou a ser um sacerdócio. As limitações tecnológicas e financeiras não impediram e tampouco tiraram os ânimos de sua equipe em persistir com o projeto do jornal.

Entretanto, escrever notícias naquela época chegava a ser arriscado. O jornal O Progresso surgiu em um dos momentos de maior repressão da ditadura militar, o que influenciou fortemente na abordagem das matérias. O clima nas redações era de tensão. Para Jurivê, o maior desafio era saber dos fatos e não ter condições de noticiá-los, sob pena de retaliações.

Neste cenário de apreensão, quanto ao noticiário político, um episódio marcou as lembranças do redator[12]. Ao escrever uma matéria sobre a presença dos militares na cidade, Jurivê trocou a letra "f" pela letra "t", quando sua intenção era escrever a palavra "física" assim o termo escrito foi tísica. A expressão seria um adjetivo dada a aparência de um sargento. Contudo, a troca das letras passava uma referência negativa do sargento entrevistado por Jurivê. O jornalista conseguiu perceber o erro antes da impressão final do jornal O Progresso daquele dia.

[11] VIEIRA, José Matos. **Lutas, fracassos e vitórias**. Imperatriz: Editora Ética, 2008.

[12] Conforme entrevista publicada por: BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de; MACEDO, Gizelle de Jesus; PINHEIRO, Roseane Arcanjo. As Vozes dos Jornalistas: Notas Preliminares sobre a Imprensa em Imperatriz-MA nas décadas de 1970 e 1980. *In*: Anais do VII Encontro de História da Mídia, Fortaleza-CE, 2009.

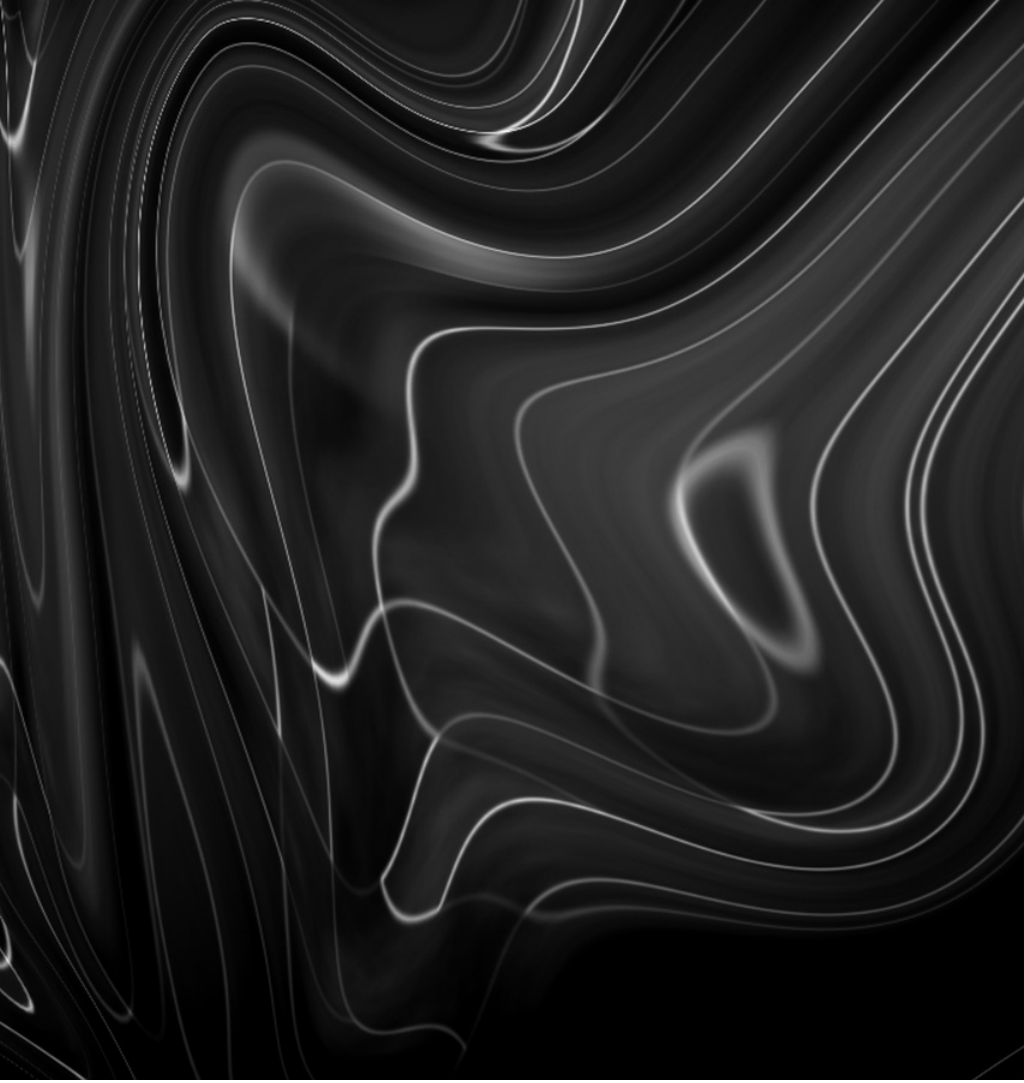
Em outras situações, o jornalista chegou a ser chamado pelo comando do 50º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), sediado em Imperatriz, para explicar sobre matérias que, de uma forma ou de outra, atingiram o poder político da época, que era centrado nos militares. Em alguns casos, Jurivê chegou a passar horas esperando o comandante da unidade militar, depois era dispensado sem quaisquer explicações.

Jurivê permaneceu como redator-chefe do *O Progresso* até o ano de 1984, quando foi contratado pelo jornal *O Estado do Maranhão*. A partir de então, ele passou a ser responsável pela coluna *Comentando os Fatos*. Por 26 anos nesta atividade, coube ao jornalista traduzir a "Vila do Frei" (termo criado por ele ao se referir à Imperatriz) para o restante do estado.

Com o tempo, o estilo adotado por Jurivê tornou-se facilmente identificado e apreciado pelos leitores, pois seu espaço no veículo se caracterizou pela dinâmica da informação aliada à crônica. Além de escrever para O Progresso e O Estado do Maranhão, foi ainda diretor de redação da revista Momento (1977), do Jornal de Imperatriz (1986) e colaborou no Jornal de Negócios (1986).

A vida de Jurivê de Macedo foi além do jornalismo impresso. Participou de outras organizações sociais como a Loja Maçônica Firmeza e Humanidade Imperatrizense (GOB) e a Academia Imperatrizense de Letras, onde foi membro fundador, ocupando a cadeira 11. Foi presidente da Associação de Imprensa da Região Tocantina (AIRT) e do núcleo de Imperatriz da então Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Na esfera pública exerceu o cargo de procurador - geral da Prefeitura de Imperatriz de 1995 a 2000, na gestão do prefeito Ildon Marques.

Pela cumplicidade e dedicação à cidade de Imperatriz, Jurivê recebeu os títulos de Cidadão Imperatrizense e Moção de Mérito (Câmara Municipal), Comenda Frei Manoel Procópio (Prefeitura de Imperatriz) e Cidadão Maranhense (Assembleia Legislativa do Maranhão). Até a primeira década dos anos 2000, Jurivê foi o mais antigo jornalista em atividade na imprensa escrita de Imperatriz. Além de conquistar leitores, recebeu o carinho e admiração dos colegas de profissão que o chamavam de mestre e símbolo do jornalismo local. O jornalista morreu vítima de um acidente vascular cerebral, às 13h30 de 17 de maio de 2010, exatamente um dia após completar 80 anos de vida.



# AS TRILHAS DA MÍDIA ALTERNATIVA DO MARANHÃO

PERFIL DE LARISSA SANTOS
**POR MICHELY ALVES**[13]

[13] Graduanda em Jornalismo (UFMA Imperatriz) e bolsista FAPEMA.

Foto: Arquivo Pessoal

Mulher, ativista, mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (Belém) e jornalista, com formação pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Atuando desde 2012, entre as produções de notícias e a coordenação política da organização *Justiça nos Trilhos.* A ONG desempenha um papel importante dentro da mídia alternativa, que colabora em denunciar a siderúrgica Vale S.A, luta pela esperança de 100 comunidades atingidas pelo decorrer da Estrada de Ferro Carajás. Nesta entrevista, Larissa, que é natural de Santo Antônio dos Lopes (MA), discorre sobre sua missão, enquanto jornalista e ativista, em nome das comunidades atingidas por mineradoras, e clama por justiça social e igualdade. Atualmente é coordenadora política e de projeto na organização Justiça nos Trilhos.

**QUANDO INICIOU NA ÁREA DO JORNALISMO?**

Comecei a atuar como jornalista em 2012, na organização *Justiça nos Trilhos*. Trata- se de uma organização de defesa dos Direitos Humanos e da natureza que busca fortalecer comunidades rurais, urbanas, quilombolas e indígenas

situadas ao longo da Estrada de Ferro Carajás, no estado do Maranhão, e que sofrem os impactos da cadeia da mineração. Atuei como jornalista responsável pela comunicação da organização, e tinha como princípio a defesa da vida e a construção de um mundo com justiça social e igualdade. Nessa época o trabalho de comunicação estava baseado nas demandas e reivindicações de comunidades que sofriam, e ainda sofrem, com inúmeras violações de direitos em seus territórios decorrentes das ações da mineradora Vale S.A.

Escutar e entender as narrativas comunitárias era uma missão para desenvolver o objetivo de denunciar os impactos da mineração ocorridos ao longo da Estrada de Ferro Carajás, no Maranhão. Além da denúncia, o trabalho de comunicação também consistia em fazer assessoria de comunicação para algumas dessas comunidades e para a Justiça nos Trilhos, em muitos momentos sendo a porta voz da organização.

**Como surgiu a oportunidade de trabalhar na Rede Justiça nos Trilhos (RNT)?**

A oportunidade surgiu em 2012, quando a organização realizou processo seletivo para contratação de jornalista. Nesse momento eu estava recém-formada na área, participando da seleção e sendo contratada em março de 2012.

**Para você, quais os obstáculos enfrentados pela Mídia alternativa?**

As mídias alternativas são um mundo para os e as comunicadoras, uma vez que fazemos comunicação a partir de um processo livre e criativo. Entretanto, existem muitas dificuldades para quem mergulha nesse setor da comunicação.

Um deles é o financeiro, muitas mídias alternativas têm dificuldades de implementar suas ideias e produzir conteúdo porque não contam com nenhum recurso financeiro, o que gera menos interesse para muitos profissionais. Além disso, as pautas construídas pelas mídias alternativas geralmente estão relacionadas a questões políticas, sociais e culturais muito relevantes, que colocam em conflitos atores da sociedade e garante aos comunicadores e comunicadoras um caminho de ameaças, violências e deslegitimação de suas pautas, uma vez que vivemos em uma sociedade capitalista. Isso ocorre porque muitas mídias alternativas são pensadas justamente para denunciar fatos que não são veiculados pelas mídias tradicionais, que não são vistas por muitas pessoas, mas que por outro lado incomodam outras.

**Como funciona o processo de produção das notícias na Rede JnT?**

Importante destacar que a *JnT* não é uma mídia em si, mas uma organização de direitos humanos que utiliza a comunicação como processo, prática e estratégia para construir pautas e debate crítico na sociedade sobre a defesa dos direitos humanos, principalmente com as comunidades que são afetadas pela mineração, siderurgia e monocultivos no Maranhão. As produções de notícias são resultantes de processos coletivos, debates, diálogos com as comunidades apoiadas pela *Justiça nos Trilhos*, articulação com parceiros. Além disso há a produção das notícias que nos chegam desde os territórios: conflitos socioambientais, acidentes, criminalizações, manifestações, etc. Nesses últimos casos há a investigação aprofundada por parte da equipe de comunicação da *JnT* para em seguida pautar os assuntos na mídia tradicional e mídias alternativas. Há a produção diária de conteúdo para as redes sociais e há o trabalho de assessoria de imprensa quando necessário.

**Quais os momentos marcantes ou desafios você sentiu na profissão de JORNALISTA?**

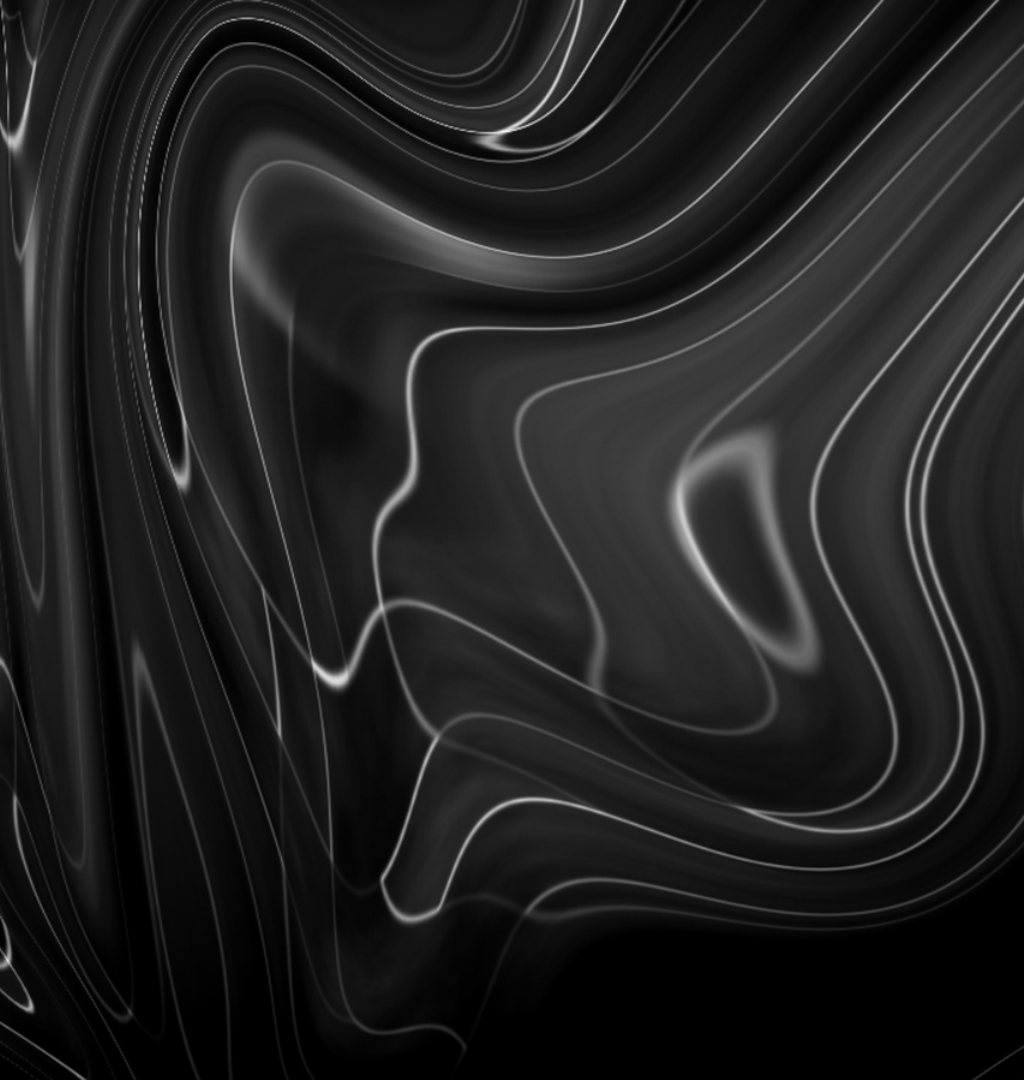
O começo. Em todo começo há dificuldades. Eu atuei como jornalista responsável pela comunicação na Justiça nos Trilhos nos meus primeiros anos de formada. Desse modo, sentir-me jornalista em uma organização do terceiro setor já conhecida nacionalmente pelo seu trabalho relevante de defesa de direitos foi muito marcante e desafiador. Nesse mesmo período, enfrentar os desafios de ser mulher jovem em um espaço ocupado por homens também foi um desafio diário, e ainda é.

**Qual sua opinião sobre o jornalismo atual?**

A prática jornalística nunca foi tão essencial como agora. Isso talvez porque eu não tenha vivido outros tempos de ameaças e diminuição da democracia e dos nossos direitos como o que outras gerações já viveram. A atual conjuntura política e sanitária (estamos vivendo uma pandemia) torna o jornalismo em suas mais variadas práticas ainda mais importantes. Já é impossível pensar o dia a dia sem o acesso a informações, e quem nos garante esse acesso com qualidade é o jornalismo em sua essência. Concomitante a isso vivemos um período de descrença nas instituições e nos/nas profissionais de comunicação, com o avanço de mentiras contadas como notícias e o aumento das violências contra aqueles e aquelas que se
dedicam para proporcionar aos cidadãos informação.

**Como você definiria a mídia tradicional e a mídia alternativa?**

Mídia tradicional é uma empresa de comunicação ou um conjunto delas que se estrutura na difusão de informações. Mídia alternativa é o que não se encaixa nos formatos tradicionais, baseado na difusão de informações gerais ou específicas sobre determinadas áreas ou temas.



# MEMÓRIAS DO TELEJORNALISMO IMPERATRIZENSE

PERFIL DE MARIA JOSÉ MARCONCINE

**POR PATRÍCIA ARAÚJO**[14]

[14] Jornalista (UFMA Imperatriz).

Foto: Arquivo Pessoal

Filha de José Marconcine Neto e Maria de Oliveira, Mari Marconcine nasceu em Carolina – Espírito Santo, em 1964, mas foi adotada por Imperatriz, aqui ela entrou para a história como a primeira apresentadora de telejornal. Mari chegou na Princesa do Tocantins no ano de 1981, e começou a atuar na área jornalística na mesma década. Formou-se em Comunicação Social no ano de 2017, na UFMA Imperatriz, agregando a teoria à prática jornalística, e em 2020 fez especialização em Assessoria de Comunicação, na mesma instituição. Em sua trajetória, Mari atuou na *Rádio Imperatriz*, trabalhou na *TV Tropical, TV Imperatriz* e atualmente é assessora de comunicação na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Antes de imergir no mundo do jornalismo, tentou ser professora, mas foi a comunicação, explica Mari, que "arrebatou" o seu coração. A experiência profissional de Marconcine abarca: radiojornalismo, telejornalismo e assessoria. Falar de sua trajetória é expor a memória jornalística da cidade.

**COMO FOI O INÍCIO DA SUA CARREIRA NA ÁREA DO JORNALISMO?**

Fui convidada pelo radialista Marcelo Rodrigues, que conheci na Rádio Imperatriz para apresentar o telejornal da *TV Educativa*.

Começava naquele momento um caso de amor eterno pelo telejornalismo. Os telejornais eram gravados. Fiquei pouco tempo, mas, aprendi muito. Fui convidada a trabalhar em outra emissora que estava se instalando, a Rede Bandeirantes, e o nome local era *TV Tropical* (onde hoje funciona a *TV Nativa*). Depois fui para a *TV Imperatriz*, em 1986 (hoje *TV Mirante*). Começava ali uma história que durou 10 anos ininterruptos como apresentadora de telejornal. Nunca imaginei que naquele momento estivesse construindo a história do telejornalismo na cidade, sendo a primeira apresentadora da cidade.

**Em que veículos já trabalhou e o que difere no processo de produção de cada um deles e onde trabalha atualmente?**

Fiquei por muito tempo na TV, mas também experimentei um pouquinho de rádio (que me fascina até hoje). Atualmente faço assessoria de comunicação. Cada veículo tem um produto e produção diferenciados para divulgação, sejam vídeos, áudios, textos diversos para TV, rádio, sites ou redes sociais. Na TV a produção é mais complexa. Há todo um cuidado com a imagem, seja dos repórteres ou apresentadores, com edição de vídeos. A produção no rádio considero a mais fácil de fazer pelo uso da oralidade. Hoje, na assessoria, a preocupação é com a imagem da instituição, com a relevância do material a ser publicado e a escolha do veículo ideal. O comum para a produção de todos esses produtos é o processo da apuração, o cuidado com as fontes, a escolha correta das palavras, a responsabilidade do jornalista sempre pautada na verdade dos fatos. Atualmente trabalho na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, há quatro anos. Faço assessoria de comunicação e cerimonial de eventos diversos, principalmente de Outorga de Grau.

**Comente sobre os desafios e realizações em sua carreira.**

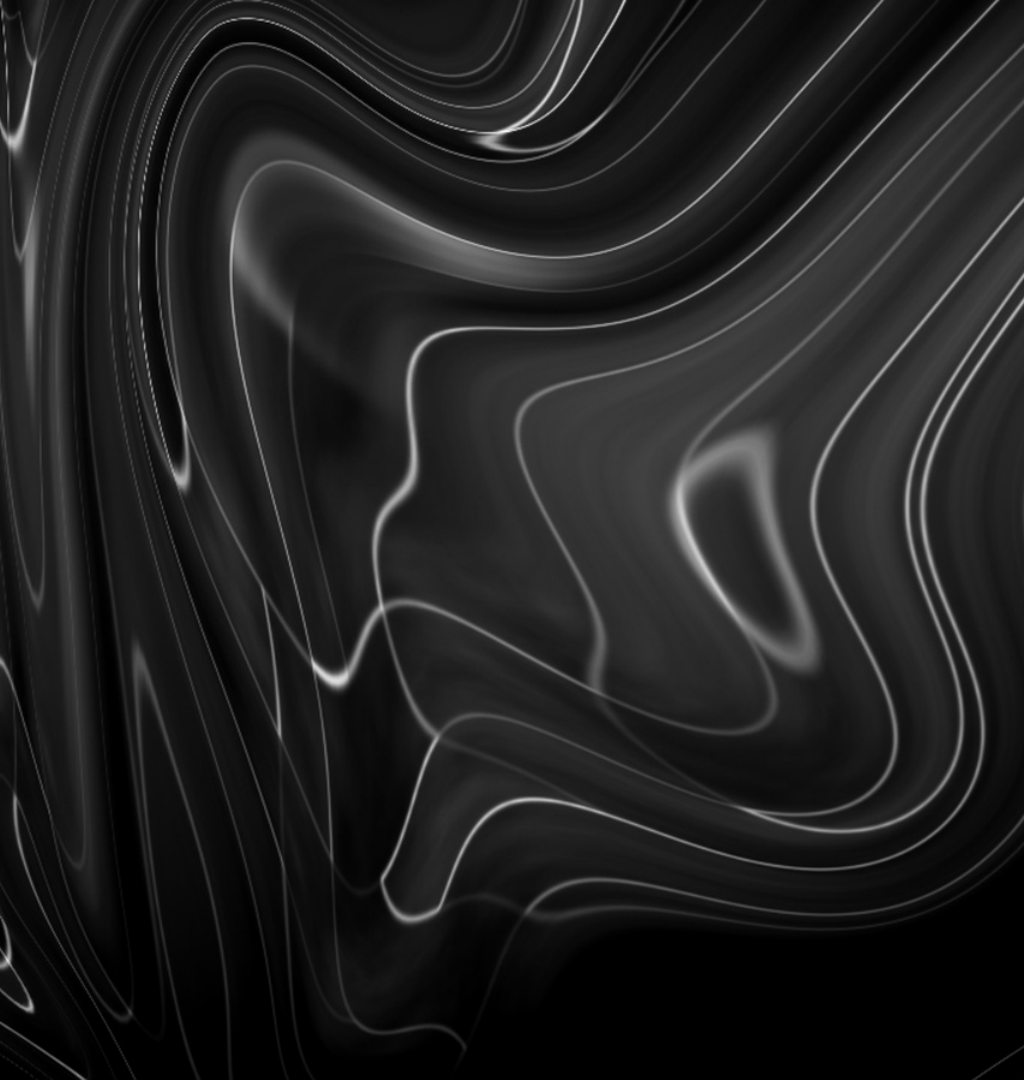
Sinto-me realizada profissionalmente. Minha caminhada começou cedo dentro do jornalismo, as pessoas com quem me relacionei ao longo desse caminho só me acrescentaram muito, pessoal e profissionalmente. Precisei adaptar-me a muitas mudanças durante o processo e isso foi um desafio, mas valeu a pena. Eu sou apaixonada pela profissão em todas as suas formas de atuação. Depois de tanto tempo na televisão, a assessoria tem sido uma experiência prazerosa, com atividades às quais me dedico, descobrindo e aprendendo diariamente a melhor forma de divulgar o meu assessorado, com um trabalho em equipe, que faz toda a diferença no produto final.

**Comparando o jornalismo atual com o de quando você estreou na profissão, que mudanças você percebe?**

Podemos começar com a tecnologia, que na década de 1980 se resumia a telefones fixos para contatos com entrevistados. Nada de celulares ou internet. Não tínhamos uma universidade. Tudo o que fazíamos era por pura intuição, paixão e um pouco de talento. Temos hoje a tecnologia a nosso favor. Ao mesmo tempo, diante de tanta tecnologia é necessária uma superação diária dos jornalistas comprometidos com a veracidade dos fatos, já que todos os cidadãos também têm acesso a essa tecnologia. Ficou muito difícil dar um "furo" de reportagem, por exemplo. Ficou muito difícil combater as informações falsas, que se propagam de forma espantosa na internet, as *fake news*. São muitas opções de produção e propagação de notícias, nem sempre por profissionais qualificados e éticos, colocando o conteúdo no mesmo padrão.

**Qual sua opinião sobre o futuro do jornalismo?**

Difícil falar de futuro, porque isso é falar de uma pós-pandemia onde todos foram impactados. O mundo já não é mais o mesmo. Tudo ganhou novos contornos: a educação, a arte, a diversão, as relações pessoais e as produções jornalísticas. Acredito que as experiências dos profissionais na produção e veiculação de notícias, de dentro de suas próprias casas, sem a necessidade de saírem às ruas devem permanecer, e consequentemente, haverá uma precarização do trabalho.



# O JORNALISMO E SEU PAPEL SOCIAL DE TRANSFORMAÇÃO

PERFIL DE MIKAELL DE SOUSA CARVALHO

**POR ROSEANE ARCANJO**[15]

[15] Professora Adjunta no Curso de Jornalismo e Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFMA Imperatriz).

Foto: Arquivo Pessoal

Contar histórias das comunidades da cidade do ferro era o objetivo principal do jornal Nossa Voz, onde Mikaell de Sousa Carvalho atuou. Natural de Açailândia, nascido em 1990, Carvalho, relata que sua relação com o jornalismo se deu desde a época de ginásio e ensino médio, mas que foi tomado pela comunicação quando ingressou na Universidade Federal do Maranhão, em 2011, e teve contato com o professor Alexandre Maciel, que o fazia pensar nas fontes "geralmente esquecidas pelas grandes mídias tradicionais". Com isso, voltou os olhares e reforçou a luta para os moradores da comunidade de Piquiá de Baixo-MA, que anseiam pelo reassentamento, longe da poluição, já que a Estrada de Ferro Carajás é alocada desde Piquiá, passa por Açailândia e estende-se até a capital do estado, São Luís.

**Como foi sua formação escolar? Destaque as principais experiências.**

Minha formação escolar foi totalmente realizada no ensino público, enfrentando dificuldades como os demais colegas de turma, falta de estrutura básica, nem biblioteca tínhamos, imagina a dificuldade para realizar trabalho e estudar para provas.

O engraçado que na minha época de ginásio e ensino médio, sempre apresentei meus trabalhos em forma artísticas, nos grupos que participava sempre inventava algo fora do comum para exposição das atividades, foram inúmeras peças de teatro, apresentações de telejornais com âncoras de TVs e repórteres. Parece que eu já apontava nessa época os traços dos trabalhos que desempenho atualmente como jornalista da organização *Justiça nos Trilhos (JnT)* e ator do grupo Cordão de Teatro.

**Como foi a escolha pela profissão de jornalismo? O que o motivou?**

Em nenhum momento minha experiência pessoal com os meios de comunicação como TV, jornal, revistas me despertavam o interesse pela profissão. Só quando ingressei no jornal Nossa Voz e também ao participar de um curso de produção de vídeo, que vi diversas formas de contar histórias, além daquelas que já presenciava na TV e jornais impressos tradicionais da época. Fazer esse tipo de trabalho mais popular contando histórias das quais até fazia parte foi o que contribuiu para os rumos da profissão de jornalista. Deste modo, meio que eu não escolhi a profissão em si, mas fui ao mesmo tempo aprendendo a fazer comunicação popular sendo moldado um comunicador e aqui estou eu atualmente.

**Você tem formação em Jornalismo, destaque então os momentos mais relevantes no curso?**

Meu ingresso na faculdade por si só já é um momento bem relevante para mim, venho de um bairro distante do grande centro de Açailândia, onde a perspectivas dos/as jovens é apenas de terminar o ensino médio e já conseguir um trabalho em alguma empresa instalada no bairro, o sonho de faculdade não era na época (2007) que terminei o ensino médio algo palpável, tanto que só em 2011 consegui ingressar na UFMA, no curso de Comunicação Social. Os momentos relevantes eram as correrias, os quilômetros percorridos por mim e mais dois colegas que diariamente, tinham que sair de suas casas às 12h, para poder estar na UFMA Imperatriz, às 14h, para as aulas. Esse trajeto era nosso espaço de trocas de risos, cansaço, sono, preocupações e alegrias. Foram quatro anos nessa labuta diária e saímos formados e felizes.

Claro que dentro do curso teve sim momentos relevantes, primeiro destaco o companheirismo que tinha minha turma 2011.2, que foi onde aprendi o primeiro passo em jornalismo, que não é uma profissão que se trabalha sozinho. Segundo as aulas do professor Alexandre Maciel, que para mim saltaram os olhos, quando ele me fazia buscar fontes que geralmente são esquecidas pelas grandes mídias tradicionais, dizia "deve se buscar o anônimo, o senhor do picolé, a vendedora que sai a vender pela rua".

Isso me fez reafirmar a comunicação como papel social de transformação, o que em particular me trouxe de volta às raízes que encontrei no jornal *Nossa Voz* no primeiro curso de vídeo que fiz. Terceiro destaco o trabalho de conclusão de curso, que é o documentário sobre os moradores de Piquiá de Baixo, não poderia terminar esse curso de Comunicação Social, com um trabalho diferente desse, que me fez trazer a história de luta do bairro onde eu nasci, é minha contribuição para luta dos moradores que anseiam pelo reassentamento da comunidade longe da poluição. Nesse trabalho tive uma companheira (Julielle) e um orientador (Antônio Fabrício), que desde do início que falei da ideia do documentário, já colaram e foram fundamentais para que esse trabalho fosse realizado.

**Na época da faculdade, além do jornal Nossa Voz, quais outras experiências vivenciou na área da comunicação alternativa ou popular?**

Além das produções do Nossa Voz, também integrava um grupo de teatro que fez dois espetáculos com temáticas sociais sobre os impactos da mineração e do processo de implantação do Projeto Ferro Carajás. As apresentações eram feitas nas comunidades ao longo da estrada de ferro, ajudando os moradores dessas localidades a entenderem através da arte essas violações. As peças que atuei durante esse período foram "Que trem é esse" construída em 2011 e "Buraco: um panfleto profundo" construída em 2013. Essa forma de fazer comunicação popular tem um alcance tremendo, a plateia sempre se via dentro das cenas apresentadas e isso facilitava muito a compreensão de toda a problemática sofrida por essas comunidades.

**Quais foram as primeiras experiências no jornalismo após a conclusão do curso?**

Já saí da universidade direto para a equipe de trabalho da *JnT* e cá estou até hoje trabalhando. Iniciei como estagiário e atualmente estou como responsável pelo setor de comunicação da JnT, que em sua equipe tem mais duas jornalistas e também nesse ano (2017) assumi a função de coordenador da *JnT* do polo Açailândia.

**Atualmente é coordenador do Polo da Rede Justiça nos Trilhos, em Açailândia, e também é assessor de comunicação na mesma instituição. Comente sobre essa jornada e Quais os principais desafios?**

Um dos primeiros desafios foi conciliar as duas funções para que sejam desenvolvidas com qualidade. A formação estrutural de coordenador de polo é nova dentro da *JnT*, e está sendo testada ainda, então tudo é difícil a princípio, pois não é somente eu que possuo o cargo que estou me adaptando a função, mas toda a equipe do polo de Açailândia também. A dificuldades em monitorar as atividades realizadas por todos os membros do polo e a execução dos projetos, mas temos buscado soluções conjuntas para cada dificuldade que estamos encontrando. Ainda estamos nesse processo de adaptação e vamos ver o que ainda nos espera.

**Em qual período colaborou no impresso e quais funções desempenhou no Nossa Voz?**

Durante o período que estive contribuindo com o jornal *Nossa Voz*, lembro que toda a equipe fazia de tudo um pouco. Então eu também tive que fazer de tudo um pouco. A principal foi escrever conteúdos, porém também fazia fotos e fazia a primeira revisão dos textos antes de ser encaminhada para a pessoa que faria a revisão geral do jornal. Eu não lembro ao certo o período inicial, mas creio que contribui desde do primeiro ano até a última edição, entre 2006 a 2014.

**O que o motivou a colaborar com o jornal?**

O jornal apesar de ser da paróquia não se pretendia apenas a falar sobre a atividade religiosa, também tinha um cunho social muito bom, levantando temas latentes nas comunidades. Outro motivo era poder ir às comunidades que faziam parte da paróquia e conhecer várias realidades e poder contar várias histórias.

**Quais pautas você cumpriu? Como foram escolhidas?**

Não consigo me lembrar bem das pautas que fiz, pois não assinamos as matérias e nem nos preocupamos com isso. O importante para nosso grupo era poder contar histórias das comunidades. Nossos nomes apareciam sempre na parte de expediente junto com todos que colaboraram com a edição. Tinham uma reunião de pauta se não me engano de dois ou a cada três meses e debatíamos quais temas poderiam ser pautados, cada pessoa que fazia parte trazia uma pauta e debatíamos no grupo a possibilidade realizar.

Umas das pautas que gostei de fazer foi sobre a comunidade "Reta", indico essa porque foi quando eu sugeri que pudéssemos contar a história de como as comunidades da paróquia surgiram, como foram criadas as principais atividades econômicas e modos de vidas dos moradores. E o grupo se agradou da proposta e colocamos em prática.

**Quais os equipamentos disponíveis para a cobertura das pautas e de que formas elas ocorriam?**

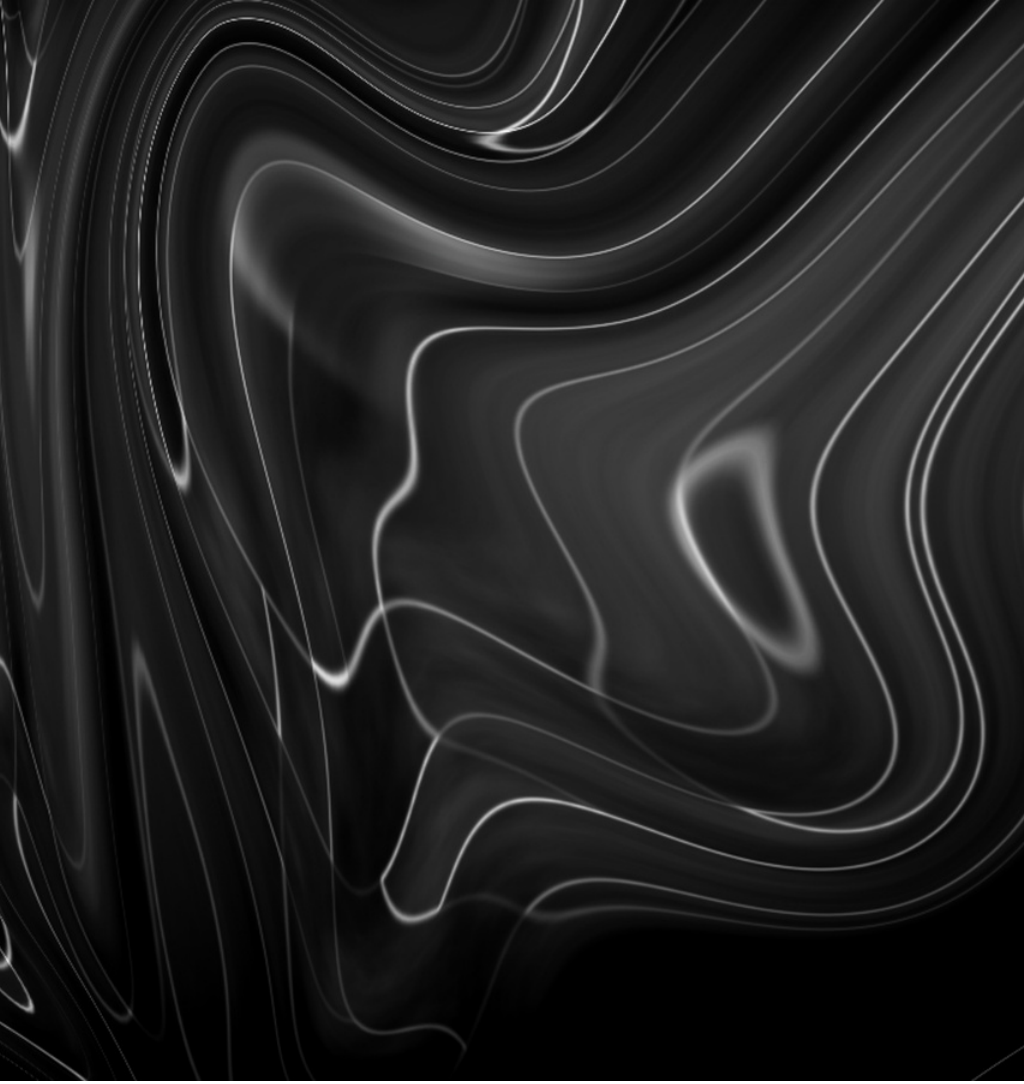
A gente não tinha equipamento próprio do jornal, a gente usava equipamentos pessoais mesmo, bloco para anotações, caneta, celular para gravar entrevistas, máquina fotográfica, a gente bancava nossa ida a campo também. Era tudo feito voluntariamente e era bem bacana o processo.

Primeiro é importante destacar que ao iniciar não tínhamos experiência nenhuma em jornalismo. Fomos aprendendo fazendo, só mais tarde fomos tendo algumas oficinas sobre comunicação que nos ajudaram a melhorar o nosso trabalho. O único que tinha uma certa experiência era o padre Cláudio Bombiere, que fazia a coluna do bocudo.

Nossas coberturas eram feitas da seguinte forma, primeiro fazíamos nossa reunião de pauta, depois eram feitos os contatos com as fontes para as matérias, e depois íamos a campo fazer entrevistas. Uma coisa importante nesse processo era que sempre quando tínhamos que ir às comunidades sempre buscávamos uma liderança da comunidade católica para nos ajudar a encontrar as fontes e nos guiar pela comunidade.

**Qual sua avaliação sobre a atuação do jornal Nossa Voz na cidade?**

O *Nossa Voz*, era uma ferramenta bem importante pois tratava de questões sociais que eram enfrentadas pelas comunidades, provocando uma reflexão crítica sobre a realidade e foi um material que ajudou a intercambiar informações entre as comunidades.



# AS PORTAS DA COMUNICAÇÃO EM IMPERATRIZ

PERFIL DE NILSON TAKASHI HAMADA
**POR MARGARET VALENTE**[16]

[16] Jornalista (UFMA Imperatriz).

Foto: Arquivo Pessoal

Empresário, publicitário e apaixonado por Imperatriz, Nilson Takashi Hamada, originário de Rancharia (SP), nasceu em 1968. Nesta entrevista ele relata sua experiência no jornalismo de Imperatriz, especialmente sua passagem pelos jornais *O Progresso* e *Jornal de Negócios* nos anos 80. Takashi detalha um pouco dos desafios de fazer jornal diário naquela época, quando começou como cartunista e selou sua paixão pela área da comunicação.

**Relate sua chegada na Princesa do Tocantins.**

Cheguei a Imperatriz em 1985, aos 17 anos de idade, para passear e sem nenhuma experiência de trabalho, tinha pouco estudo e tinha trabalhado na roça só no interior de São Paulo. Quando cheguei, gostei demais da cidade e tinha uma irmã que morava aqui, e ela falou, se você gostou tanto da cidade, e quiser morar, vai ter que trabalhar. E comecei a procurar emprego e consegui o primeiro trabalho de garçom, comecei a trabalhar nos restaurantes, nas casas noturnas de Imperatriz.

**Como foi o seu início no jornalismo de Imperatriz?**

Eu me lembro que um ano depois aqui em Imperatriz, no início de 1986, estava desenhando umas coisas aleatórias, na calçada do restaurante que trabalhava, e chegou Adalberto Franklin que na época era editor chefe do jornal *O Progresso*, perguntando se tinha ainda comida, naquele horário era umas duas ou três horas da tarde.

**Relate sua chegada na Princesa do Tocantins.**

Cheguei a Imperatriz em 1985, aos 17 anos de idade, para passear e sem nenhuma experiência de trabalho, tinha pouco estudo e tinha trabalhado na roça só no interior de São Paulo. Quando cheguei, gostei demais da cidade e tinha uma irmã que morava aqui, e ela falou, se você gostou tanto da cidade, e quiser morar, vai ter que trabalhar. E comecei a procurar emprego e consegui o primeiro trabalho de garçom, comecei a trabalhar nos restaurantes, nas casas noturnas de Imperatriz.

**Como foi o seu início no jornalismo de Imperatriz?**

Eu me lembro que um ano depois aqui em Imperatriz, no início de 1986, estava desenhando umas coisas aleatórias, na calçada do restaurante que trabalhava, e chegou Adalberto Franklin que na época era editor chefe do jornal *O Progresso*, perguntando se tinha ainda comida, naquele horário era umas duas ou três horas da tarde.

Eu falei pra ele, olha se você aguardar eu mesmo preparo para você, tem alguma coisa lá, eu preparo e fui lá pra dentro. Só estava eu, praticamente. Quando voltei trazendo a refeição, ele me perguntou se realmente desenhava aqueles trabalhos ali e me propôs fazer desenhos, charge. Nunca nem tinha ouvido falar a palavra charge, cartum. Algumas pessoas falaram de cartum para o Jornal O Progresso e eu topei. Até segui uma sugestão do
Adalberto, no início de oitenta e seis.

**Quais foram suas primeiras charges?**

As pessoas falavam muito da seleção brasileira, rumo a Copa do Mundo do México e me sugeriram esse tema. Eu fiz realmente uma ilustração, decorrente disso e outra charge que brincava com a chegada do ministro Paulo Brossard, então Ministro da Justiça, que vinha aqui. Eu fiz uma charge brincando com isso e aquilo chamou a atenção da cidade, porque não era uma coisa normal.

Os grandes jornais do Brasil sempre tiveram ilustradores e no *O Progresso*, quando teve essa charge, foi um diferencial muito grande para aquela época. O Serginho Godinho quis me contratar para trabalhar no jornal, só que para pagar um salário, para ter um cara só pra fazer desenho, para publicar durante um dia, era pouco para ele, além de eu fazer com prazer eu fazia muito rápido, então fui pra dentro do jornal entender como funcionava tudo aquilo. Para mim era um mundo totalmente diferente e eu gostei logo de cara: cheiro de tinta, do papel, a maneira como a gente fazia aquilo ali, aquilo amplificado para toda a cidade. Então para um menino que chegou na cidade e que não tinha nenhuma experiência de trabalho, aquilo foi fantástico.

**Na sua concepção, quais as adversidades da profissão naquela época?**

E eu comecei a trabalhar em determinado formato e me orgulho muito disso. Hoje é muito fácil para as pessoas redigirem um texto, imprimir, colocar na cara da sociedade, isso é muito fácil. Antes não. A gente tinha todo um trabalho quase que artesanal, a gente desenhava no papel, fotolitava, depois trocava o fotolito, queimava a chapa, tinta sobre aquilo, ia se reproduzindo e eu fui me apaixonando por aquele mundo. Fui então aprendendo diagramação, finalização, a escrever também, sempre gostei muito da língua portuguesa, embora eu tenha só a oitava série, mas sempre gostei muito de história e língua portuguesa.

Sempre tive uma preocupação muito grande com isso e aprendi também a ser revisor de texto no jornal *O Progresso*. E tinha ali grandes professores como Adalberto Franklin mesmo, que era o pai da matéria, muito perfeccionista no trato com a língua portuguesa, então foi ali o meu primeiro aprendizado com isso.

**Quanto ao Jornal de Negócios, quem compunha a equipe e sua estrutura?**

Logo depois recebi uma proposta do Edmilson Sanches que tinha na cabeça a ideia de fazer um jornal totalmente diferente. Imagina Imperatriz em pleno ano de 86, ele queria fazer um jornal aos moldes do *Le Monde*. Ele tinha alguns jornais, me apresentou esses jornais do *Le Monde*, mas não tinha foto nesse jornal, não tinha fotografia tradicional. Tem uma linguagem mais coloquial, mais reta, mais sofisticada e ele iria eliminar assuntos do dia a dia, essas coisas de política e polícia não iria fazer parte do jornal.

Então eu tinha que me virar, ele confiou muito em mim, no meu potencial e eu agradeço muito ao Sanches por isso. Ele viu em mim coisas que eu acreditava que nem existiam. E essa responsabilidade de tornar o jornal, de quebra, de tirar um pouco daquela linha formal demais do jornal, eu tinha que me virar para transformar em ilustrações. Então, eu tenho várias delas na minha cabeça, não tenho nenhum jornal guardado.

Sei que o Sanches tem. Talvez o Tasso Assunção também tenha esse *Jornal de Negócios* que visava realmente isso. Ele trabalhava no Banco do Nordeste. Esse jornal para ele era como um segundo filho assim, é o primeiro filho dele, mas ele não era a atração principal de rendimento do Sanches. Pelo contrário, eu sei que o que ele ganhou vários anos no banco, como gerente de banco, como funcionário, ele economizou para colocar esse sonho em prática, esse jornal. Eu me lembro que funcionou ali em cima da antiga casa São João na Getúlio Vargas com Rua Amazonas, bem em frente ao Cine Marabá.

Ele alugou ali uma sala, comprou as mesas de escritório, então passou uma cara de redação mesmo, de jornal, só que apenas com desenho, não tinha foto. E trouxe Jurivê de Macedo para ser um dos colunistas do jornal. Tasso Assunção era um dos caras feras também, uma das pessoas que mais conhece a língua portuguesa, o Zeca Tocantins para fazer umas matérias com uma visão mais poética, mais artística e trouxe também a Domingas que hoje trabalha com outdoor, na época, era uma menina que não tinha nenhum contato também com a mídia. Ele a colocou também responsável por escrever algumas coisas e também na parte de vendas do jornal, tanto que até hoje a Domingas trabalha com isso em outdoor. Ela tem uma empresa de outdoor aqui na cidade. Trouxe também Edilamar Varão para fazer a coluna de fofocas. O jornal tinha uma visão diferente para aquela época.

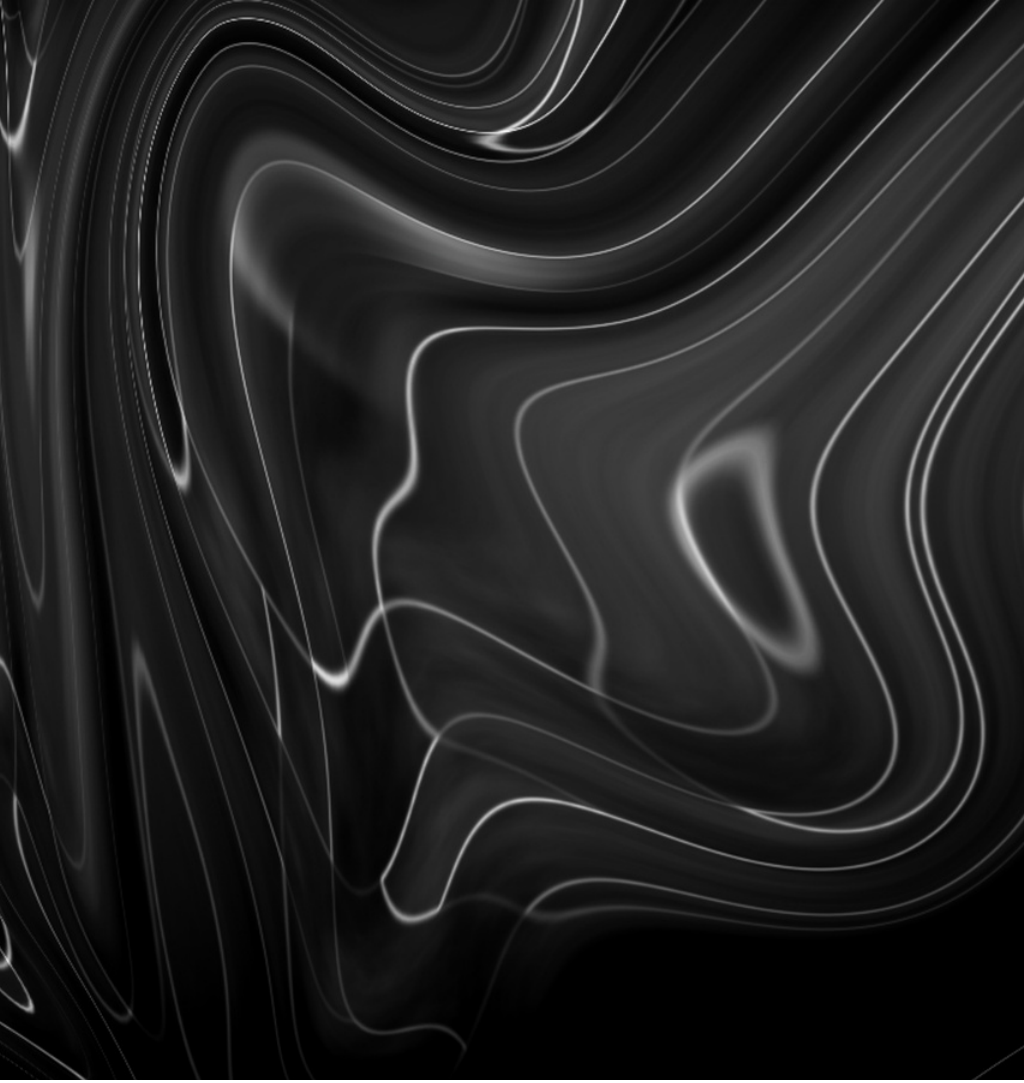
**Um jornal de elogios, mas de poucos anúncios, quais dificuldades de manter um jornal nesse segmento?**

Na primeira oportunidade que fomos fazer o jornal, eu vi a ideia do Sanches de fazer no formato. Os jornais existiam em dois formatos: o tablóide que era o formato do jornal *O Progresso*, feito em máquina reta, quando estava aberto, ele tem 62cmX80cm mais ou menos, e o formato standard, esse formato que é o formato do jornal *O Estado do Maranhão*.

Em bobina, só podia fazer ou em São Luís e Belém e ele fazia questão que o jornal dele tivesse uma cara gráfica diferente, que tivesse esse formato dos grandes jornais das capitais, por isso ele fez uma coisa que, não mediu esforços da ordem financeira para aparecer com um jornal assim.

Lembro-me que ele alugava um táxi do Hildebrando, ali na praça Brasil, na época ele tinha um Santana. Nesse táxi íamos Sanches, eu, Tasso Assunção e o Zeca Tocantins para São Luís, ficávamos no Hotel Central, ali perto da Praça João Lisboa. Ficávamos acompanhando todo o processo, depois de uns três dias lá na capital, colocamos o jornal na mala do carro e vínhamos para Imperatriz.

Então era um jornal que ele atingia muito pouco o público assim, porque o público gosta de violência, política, esporte e o jornal só falavam de negócios, então só atingia um público ali de comerciantes, empresários, advogados, profissionais liberais. Era um jornal que a gente começou a perceber assim, que tinha muito elogio dos pensadores de Imperatriz e poucos anúncios, alguns poucos abnegados amigos do Sanches.



# JORNALISMO, POLÍTICA E MEMÓRIA

PERFIL DE ROBERTO OLIVEIRA
**POR GESSIELA NASCIMENTO**[17]

[17] Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFMA Imperatriz) e bolsista FAPEMA.

Foto: Gessiela Nascimento

"Foi tudo conta do acaso". O jovem de 17 anos, que buscava emprego e almejava atuar no setor administrativo, encontrou oportunidade em uma rádio da cidade. No entanto, foi surpreendido ao saber que trabalharia como repórter de rua. Sem experiência, demorou um ano para entender a função de um repórter. Após o período de descobertas, atuou em outros meios de comunicação, indo do rádio ao impresso. E assim, Antônio Roberto Oliveira, que nasceu em Coroatá, em 1971, que é enfermeiro por formação, e jornalista por vivência, permaneceu por 16 anos nesse universo. Logo abaixo, segue entrevista realizada com o criador da coluna *Vitrinne Capital* do jornal *O Capital,* de 1998.

**Antes de atuar na comunicação exerceu outras profissões?**

Atuei em várias coisas de maneira indireta, mas de forma registrada, a primeira vez foi na *Rádio Imperatriz*. Cheguei por volta de 1988 e fiquei por oito anos na rádio. De lá, eu fui para a Nativa, depois, fiquei na *Mirante* durante um ano, em seguida, *TV Bandeirantes*, atuando no telejornal, reportagem de rua, programa policial e agroindústria, depois, fui para o *Imparcial* em São Luís e por fim, o *Capital*.

**O que despertou sua atenção para atuar na área da comunicação?**

Aconteceu por acaso. Eu lembro que um amigo trabalhava na Rádio Imperatriz e eu estava desempregado, então pedi para fazer um estágio lá. Cheguei e conversei com o dono, eu já o conhecia, porém, o estágio era como repórter de rua e não, no setor administrativo.

Eu aceitei, sem ter o mínimo de noção do que era, o que fazia, enfim, eu aprendi isso na prática. Eu levei muito tempo, em torno de um ano, para saber o que se fazia com aquilo. Eu nunca tinha entrado em uma emissora de rádio ou televisão, foi uma coisa que realmente aconteceu. Eu não sonhei com nada. Eu sonhava em trabalhar na área da saúde, já que hoje em dia minha formação é enfermagem, no entanto, a comunicação foi a área que fiquei mais tempo, por 16 anos.

**Começou em que ano na comunicação? E no Capital, ficou por quanto tempo?**

Comecei em 1988 e fiquei na área até meados de 2005. Em relação ao Capital, não recordo o ano, mas fiquei por durante cinco anos, e o jornal me dava uma liberdade, já que não tinha um compromisso direto com horários. A página podia ser entregue até às 20h. Eu podia fazer ela no próprio jornal ou em casa.

**Como era a relação do jornal com os poderes públicos? E de que forma era caracterizado o jornalismo dos anos 90?**

Os jornais são comerciais e eles são extremamente tendenciosos. Ele sempre apoiava o grupo que estava patrocinando, então, o Capital sempre estava do lado do patrocinador. E, quase sempre recebia uma parcela do governo, seja na esfera municipal ou estadual. Se o governo cortava a verba, o jornal ficava contra. Eu lembro que, na época, o governo era Roseana Sarney, e a cota foi cortada. Então, o jornal saiu matando em cima.

Às vezes, o governo não fazia nada, mas patrocinava o jornal, então, o governo era bom. Esse jornalismo dos anos 1990, comparado com hoje, melhorou no aspecto tecnológico. Hoje, a facilidade de comunicação é muito maior. Na minha época, a gente tinha que ir até a fonte, convencê-las.

**A coluna era para expor vários assuntos. Em 1998, a política foi o tema mais citado, por quê?**

Porque foi um ano de efervescência política. Vivenciamos uma época em que a política era muito acirrada, era um governo que as pessoas queriam a qualquer custo e, por conta disso, os destaques políticos foram muito grandes. A coluna, por sua vez, só permaneceu os cinco anos em que fiquei no jornal.

**Roseana Sarney ocupava o cargo de Governadora do Estado do Maranhão e estava concorrendo à reeleição. Na coluna Vitrinne, durante o ano de 1998, ela foi o ator político mais citado. A que se deve isso?**

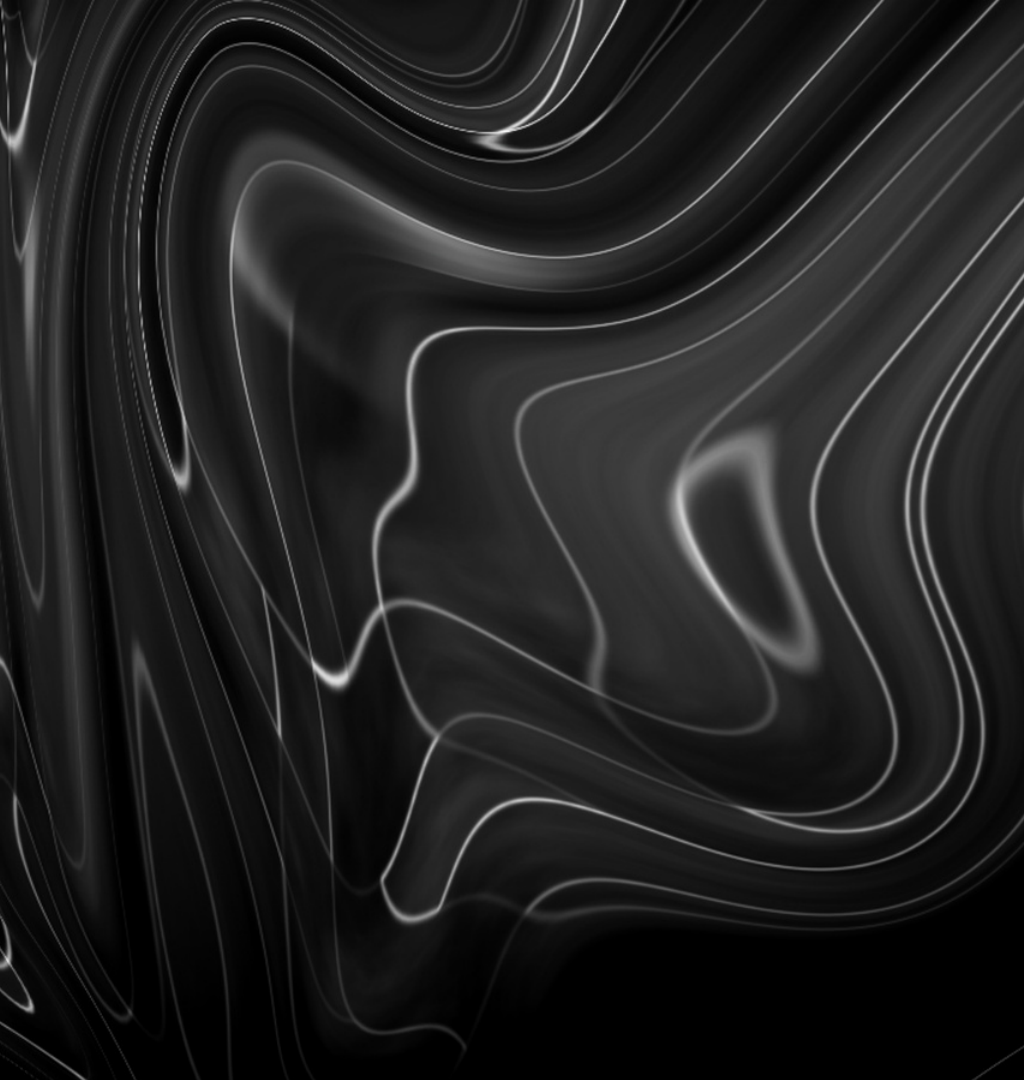
Vejo que por vários aspectos. Primeiro, era por conta do patrocínio e a família estava vivendo um momento de total rejeição. Na época, São Luís era considerada a Ilha Rebelde. Então, foram investindo para que o nome deles aparecesse.

E segundo, porque Roseana foi a primeira mulher de destaque, e isso já chamava atenção, tanto do Maranhão, quanto do Brasil. Ela se destacou por conta de uma política diferenciada e pelos patrocínios dados ao jornal.

**Qual origem do nome Vitrinne, que posteriormente passou para Vitrinne Capital?**

A troca do nome para Vitrinne Capital foi da própria direção do jornal. Mas, Vitrinne, era devido à demonstração de vários assuntos. Era algo que você estava expondo ao povo. Eu queria que fosse um nome curto e de impacto, então, achei esse melhor e que mais se adequa ao que eu iria escrever.

Na época que trabalhei na rádio, eu apresentava um programa com o nome Perfil, e quando fui substituir o Machado Neto, no *Capital*, e ele retornou de férias, o diretor disse que, me daria uma página no jornal para escrever sobre coluna social, daí, criei o nome *Vitrinne*.



# O IMPASSE DO TELEJORNALISMO LOCAL NA PANDEMIA

PERFIL DE TATYNA VIANA
**POR MICHELY ALVES**[18]

[18] Graduanda em Jornalismo (UFMA Imperatriz).

Foto: Arquivo Pessoal

Trabalhar com o telejornalismo local, visando a humanização do conteúdo e contribuição nas relações sociais é o que move Tatyna Viana. A jornalista e professora universitária, nasceu em 1984, na cidade de Imperatriz - MA. Ela percebe a importância da profissão, em todos os seus sentidos, e desempenha o compromisso contra a desinformação e as *fake news*.

**Como foi o começo na área do jornalismo?**

Bati na porta de três emissoras de TV apenas com o diploma na mão. Não tinha experiência alguma. Me deram a oportunidade de estagiar aqui na *TV Mirante* mesmo depois de formada. Fiquei por três meses aprendendo na prática e fui contratada. Acho que bati na porta certa, no dia certo, porque coincidiu com um período em que três pessoas da equipe de jornalismo saiam de uma vez da empresa e precisavam contratar urgentemente.

**Relate os primeiros anos como jornalista na TV Mirante.**

Muito aprendizado. Ainda é. Mas essencialmente os primeiros dois anos foram de muita dedicação, passava do meu horário de trabalho acompanhando a edição, revisando textos, observando o material dos colegas.

**Para você, quais os desafios do telejornalismo local?**

Hoje temos uma equipe bem reduzida, já fomos bem mais na redação. Isso implica em uma cobertura muito centrada na cidade e às vezes sem dar conta das principais demandas.

O acúmulo de função, e a falta de pessoal reflete muito no resultado final de todo o trabalho, do que vai ao ar. Às vezes acho que a cobertura do telejornalismo local acaba sendo superficial e poderia ser melhor.

**Como funciona o processo de produção das notícias na Tv Mirante?**

Temos reunião de pauta todos os dias pela manhã, de segunda a sexta. Participam da reunião o diretor de jornalismo, a chefe de reportagem e os repórteres e apresentadores da manhã. Na reunião são apresentadas as sugestões e é decidido o que vai virar pauta. Estamos sem produtor, alguém especificamente nessa função, então os repórteres recebem essa orientação na reunião e conduzem as matérias. A chefe de reportagem trabalha em dois turnos e assume a produção no outro horário. Eu e outras colega somos da equipe da tarde e geralmente enviamos nossas sugestões ou demandas no grupo de *WhatsApp* da redação.

**Você trabalhou em outros veículos de comunicação, além da TV Mirante?**

Não. Trabalhei por poucos dias em um projeto de jornal impresso que acabou não vingando. Ah, e escrevi pra um jornal impresso financiado por um político que durou poucos meses também, *Folha do Maranhão Central*.

**Qual sua opinião sobre o jornalismo atual?**

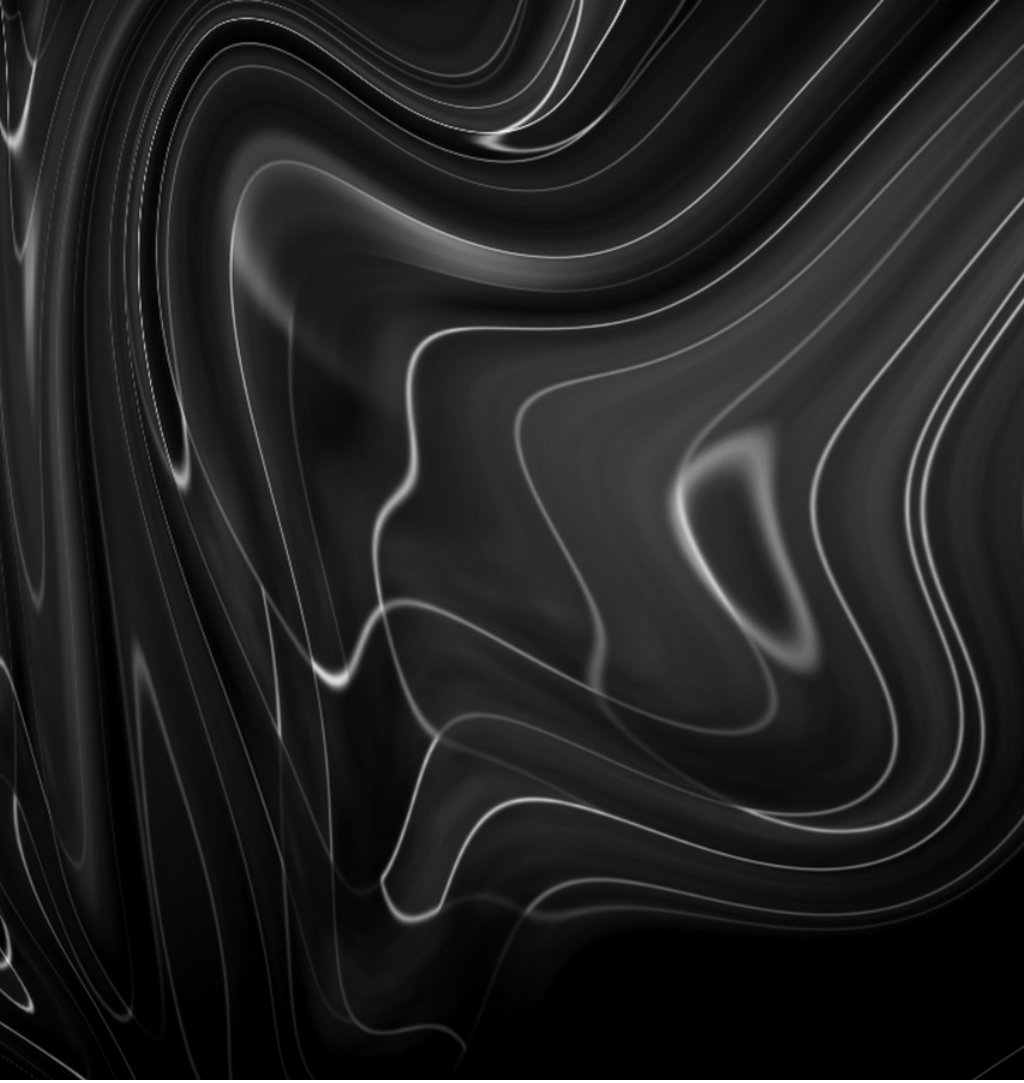
Hoje enfrentamos a onda das *fake news* e o jornalismo mais do que informar, tem a missão de combater a desinformação. Então aumenta a nossa responsabilidade, o nosso compromisso..

**Para você, quais os maiores impactos que a pandemia da Covid-19 causou na profissão de jornalista?**

Na TV tivemos impactos estéticos, técnicos, como o uso da máscara, de microfones individuais, as entrevistas passaram a ser feitas à distância e algumas dessas mudanças nas rotinas produtivas certamente vão ficar, perdurar, podem ditar uma nova forma de fazer telejornalismo. Também trabalhamos numa sobrecarga, em outro momento tivemos redução de carga horária e salários, ainda enfrentamos o medo pelo receio da Covid porque perdemos colegas, vimos tantos serem afastados e continuamos na linha de frente como um serviço essencial, tem sido muito impactante.

**Como você definiria o futuro do jornalismo?**

O jornalismo está se moldando conforme a necessidade e o vejo assim no futuro, se reinventando cada vez mais dependente da tecnologia para acompanhar essa demanda acelerada por informação. A pandemia veio reforçar que esse é um serviço essencial, sem o qual a desinformação poderia ter sacrificado muito mais vidas.



# A MEMÓRIA NA IMPRENSA DA REGIÃO TOCANTINA

PERFIL DE THAYS ASSUNÇÃO
**POR MARIANA MUNIZ**[19]

[19] Graduanda em Jornalismo (UFMA Imperatriz).

Foto: Arquivo Pessoal

A equação entre história e comunicação, resultou em diversas pesquisas realizadas por Thays Assunção, natural de Imperatriz, no Maranhão, onde se formou em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), hoje UEMASUL. No decorrer de sua carreira atuou em diversas instituições imperatrizenses como assessora de comunicação e entre os anos de 2014 e 2015 foi professora substituta do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz. Fez mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná, e atualmente faz doutorado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins e autora do livro "História da Imprensa em Imperatriz-MA" (1930-2010) publicado em 2018 pela Edufma com o apoio da Fapema.

**Como se deu a sua escolha pelo jornalismo?**

Desde pequena eu gostava muito de ler e escrever. Então sempre me imaginava trabalhando com algo que envolvesse essas habilidades. Quando o curso chegou em Imperatriz, não tive dúvidas que o Jornalismo era a escolha ideal.

**Como se deu a sua escolha pelo jornalismo?**

Desde pequena eu gostava muito de ler e escrever. Então sempre me imaginava trabalhando com algo que envolvesse essas habilidades. Quando o curso chegou em Imperatriz, não tive dúvidas que o Jornalismo era a escolha ideal. Fiz vestibular, passei e ingressei na segunda turma do curso na cidade. Como também gostava muito de História, acabei fazendo simultaneamente a graduação na Uema, o que acabou me ajudando bastante no Jornalismo.

**Antes de iniciar profissionalmente no jornalismo, você já atuava em outras áreas?**

Não atuava em nenhuma outra área. O Jornalismo foi minha primeira e única área de atuação até hoje. Ao escrever o livro "História da Imprensa em Imperatriz-MA / 1930-2010", que foi fruto do seu TCC, você sentiu dificuldade para identificar e contar essas histórias? Como foi desenvolver esse importante tema?

A dificuldade inicial foi encontrar os jornais impressos que haviam circulado em Imperatriz desde 1932, pois a cidade não possui um acervo público com todas as publicações. A Biblioteca Municipal e a Academia Imperatrizense de Letras, por exemplo, só possuem exemplares de alguns veículos. Então tive de recorrer aos acervos particulares, em especial do ex-vereador e jornalista Edmilson Sanches, que é o mais completo do município e onde realizei a pesquisa.

No acervo do Edmilson, eu tive que realizar um processo de organização dos jornais, pois além dos impressos de Imperatriz, ele reúne títulos de outras cidades do Maranhão e estavam todos misturados. Fui separando os jornais de Imperatriz por década e anotando as informações principais sobre eles em um caderno, seguindo as orientações da ficha catalográfica que havia produzido com a professora Rose, minha orientadora na época.

Esse processo foi um verdadeiro "sobrevoo" sobre os jornais imperatrizenses, me ajudou a conhece-los e a reunir pistas para construir as fases da história da imprensa durante o TCC.

**Como foi desenvolver esse importante tema?**

Foi uma experiência desafiadora, pelo longo período investigado (de 1932 a 2010), e ao mesmo tempo gratificante pelos aprendizados e os resultados alcançados: mais 200 jornais catalogados e a identificação de, pelo menos três fases da imprensa imperatrizense.

**Como foi a sua experiência como professora substituta na UFMA de Imperatriz?**

Foi um período de muito aprendizado, pois foi minha primeira experiência como professora no ensino superior. Na época que passei no seletivo da UFMA já estava há um tempo trabalhando em assessorias, e a sala de aula me deu um novo "gás", me apresentou outra possibilidade de trabalhar com o Jornalismo e me impulsionou a ingressar no Mestrado.

**Além das salas de aulas, você trabalhou em veículos de comunicação ou assessorias? Se sim, como foi a sua experiência?**

Antes de ingressar com professora na graduação eu tive duas experiências no mercado. A primeira no *Correio Popular*, na época atuava como estagiária e fiz várias pautas da editoria de Cidade. Esse tempo no jornal me permitiu conhecer melhor a rotina de Imperatriz. A segunda experiência foi na equipe de assessoria da *Palavra Comunicação*. Lá atendi vários clientes como *Associação Comercial*, *Sindicato Rural*, *Motoca*, *OAB*, entre outras. Também lembrei que fiz trabalhos de assessoria para agência *Ícone Comunicação* direcionados para empresa Suzano.

Nas assessorias aprendi a lidar com as necessidades específicas de cada cliente, pensando estratégias e produtos comunicacionais, gerenciando crises e buscando inseri-los de forma positiva na mídia.

**Como você associa os seus conhecimentos em comunicação com os de historiadora?**

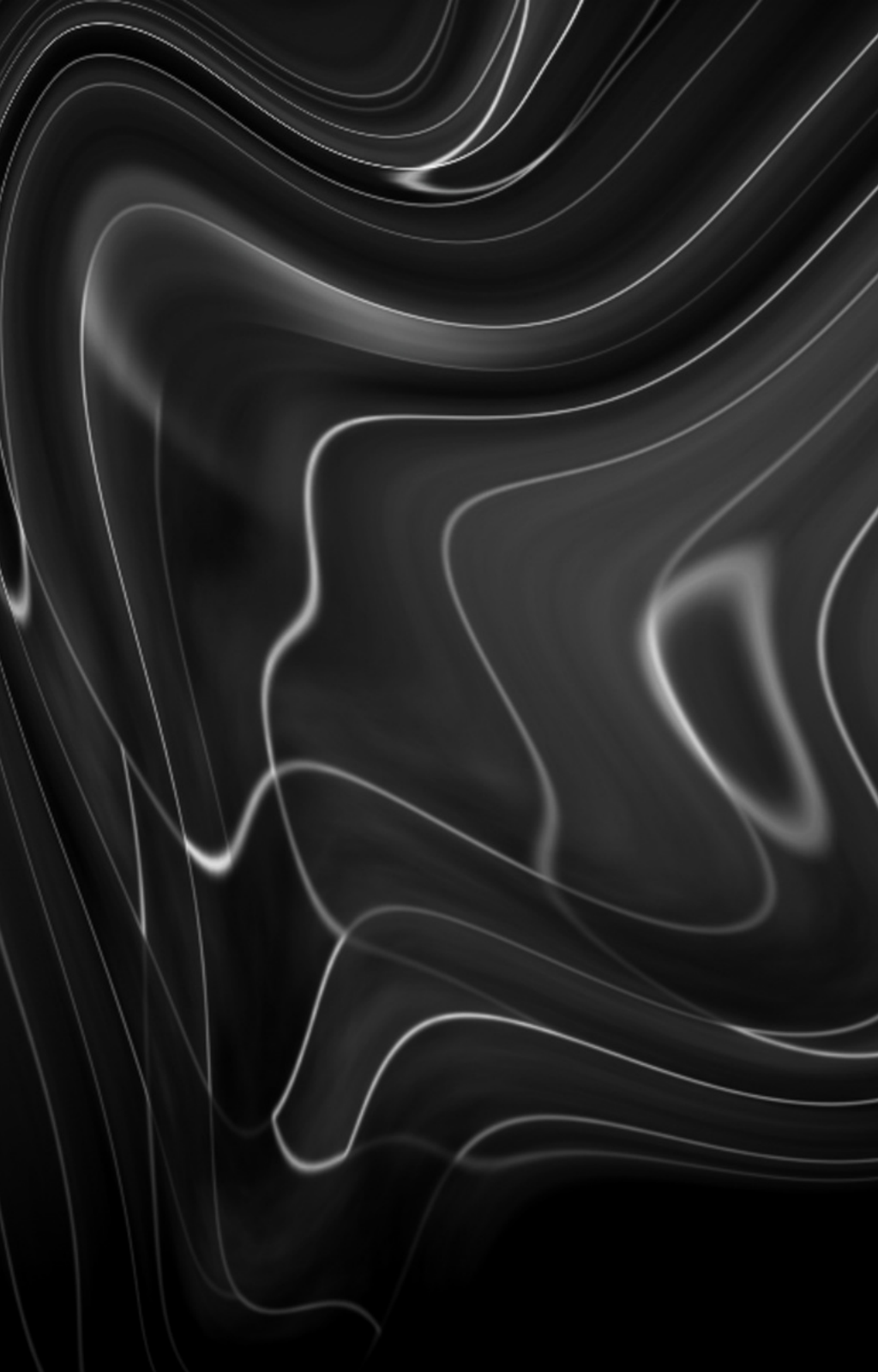
Como jornalista, a história me ajudou a pensar produtos voltados para a memória organizacional. Lembro que quando atendia o *Sindicato Rural*, produzi um jornal histórico para instituição de 50 anos. Foi uma experiência muito bacana, com realização de entrevistas aos ex-presidentes, regaste de fotos e documentos antigos. Na sala de aula, a depender da disciplina, é possível trazer alguns autores da história para incrementar o debate sobre o jornalismo.

**Qual momento marcou a sua vida profissional e trajetória no jornalismo em Imperatriz?**

Como pesquisadora – a realização da pesquisa sobre história da imprensa e o lançamento do livro. Como professora – Período que dei aula no curso de Jornalismo da UFMA. Como jornalista – a cobertura de feiras, como *Expoimp* e *Fecoimp*, foram momentos bem intensos de cobertura jornalística.

**Atuando na Universidade Federal do Tocantins, o que mudou na sua rotina de trabalho com a chegada da pandemia?**

Uma das principais mudanças que a pandemia ocasionou foi com certeza a alteração no formato de ensino – do presencial para o remoto. A partir disso, tivemos de mudar o planejamento das aulas, adaptar horários (dias para os encontros síncronos, atividades assíncronas e mais horários para atendimentos aos alunos), e pensar novas abordagens pedagógicas para os ambientes virtuais.

**A sua atuação em pesquisas quem envolvem jornalismo local e regional, história do jornalismo, geografias da comunicação tem alcançado os objetivos esperados? Quais são?**

Estas são áreas de interesse de pesquisa. Não consegui desenvolver ainda projetos de todas. Alguns temas participei de modo pontual com artigos e outros estão em andamento.